

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS ERECHIM
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

JÉSSICA APARECIDA LIMA ZANOTTO

**A EDUCAÇÃO HUMANIZADORA NO PROCESSO FORMATIVO DO EDUCADOR:
REFLEXÕES COM PAULO FREIRE E MIGUEL ARROYO**

ERECHIM

2022



JÉSSICA APARECIDA LIMA ZANOTTO

**A EDUCAÇÃO HUMANIZADORA NO PROCESSO FORMATIVO DO EDUCADOR:
REFLEXÕES COM PAULO FREIRE E MIGUEL ARROYO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Pedagogia da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), como requisito para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Orientador (a): Prof. Ma. Silvania Regina Pellenz Irgang

ERECHIM

2022

Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS

Zanotto, Jéssica Aparecida Lima
A EDUCAÇÃO HUMANIZADORA NO PROCESSO FORMATIVO DO
EDUCADOR: REFLEXÕES COM PAULO FREIRE E MIGUEL ARROYO /
Jéssica Aparecida Lima Zanotto. -- 2022.
52 f.:il.

Orientadora: Mestre Silvania Regina Pellenz Irgang

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -
Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de
Licenciatura em Pedagogia, Erechim, RS, 2022.

1. Educação Humanizadora; Educador; Formação; Miguel
Arroyo; Paulo Freire.. I. Irgang, Silvania Regina
Pellenz, orient. II. Universidade Federal da Fronteira
Sul. III. Título.

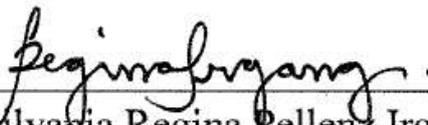
JÉSSICA APARECIDA LIMA ZANOTTO

**A EDUCAÇÃO HUMANIZADORA NO PROCESSO FORMATIVO DO EDUCADOR:
REFLEXÕES COM PAULO FREIRE E MIGUEL ARROYO**

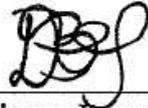
Trabalho de conclusão de curso de graduação
apresentado como requisito para obtenção de grau de
Licenciada no Curso de Pedagogia da Universidade
Federal da Fronteira Sul – UFFS.

Este trabalho de conclusão de curso foi defendido e aprovado pela banca no dia 06/04/2022

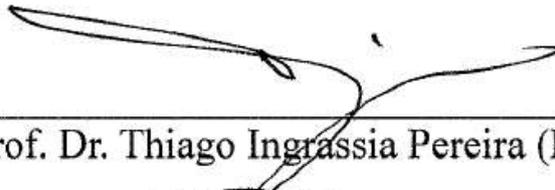
BANCA EXAMINADORA:



Prof.^a Ma.^a Silvania Regina Pellenz Irgang (Orientadora)



Prof.^a Ma.^a Daiane Bornelli de Andrade (Membro Externo)



Prof. Dr. Thiago Ingrassia Pereira (Membro Interno)

AGRADECIMENTOS

Carta a minha Mãe!

Lembra, há quase cinco anos atrás, quando toda essa trajetória com a Pedagogia começou? Lembra o sofrimento com a espera de um resultado do SISU que nunca chegou e a aprovação pela universidade mesmo? Lembra a felicidade e a alegria que tomava conta dos nossos corações ao escutar meu nome ser sorteado para a última vaga disponível? Quantas histórias deste tempo, memórias especiais que levarei para sempre comigo e tenho a certeza que você também jamais esquecerá.

Pois sabe, o mais bonito disso tudo? A tradução do exemplo, do orgulho e da gratidão eterna a Deus por nos permitir viver tudo isso juntas com persistência e fé. Foram muitas batalhas, alegrias e dificuldades, mas a gente conseguiu, nós mantivemos unidas, vibrando pelas conquistas e você me dando sustentação, força e acalento quando eu fraquejava.

Mãe, não há como expressar em palavras a grandiosidade deste momento e de toda essa nossa jornada, que sim é nossa, do princípio ao fim. Pois, o afeto de um colo e o acolhimento neste meu tempo de entrega para a educação, para a formação acadêmica e por toda a vida, me transformaram e não deixaram me entregar aos tempos de ansiedade incertezas.

A beleza do amor mais bonito que apreendi dentro de casa, hoje tenho certeza que tens o maior orgulho em escutar me relatar o carinho das crianças com que convivo e o meu amor por esta escolha de vida. Sim, uma escolha para a vida e por ela não lhe cabe definir em um “trabalho” com a educação, muito mais que exercer a profissão de educador, está o lugar da gratificante certeza em colaborar com a formação do outro no infindável processo de desenvolvimento de tantas vidas.

Afinal, são caminhos que muitos podem percorrer, ao escolherem tonarem-se professores, mas só aqueles que mantêm em si a essência de um amor único e humano estará verdadeiramente ‘qualificado’ a maestria de ser educador. Por isto, Mãe! Hoje compreendo está magnífica essência somente consigo te agradecer por tudo e dizer que especialmente pelo amor empregue e que me ensina a cada dia; sempre dedicarei todos os meus estudos e a minha docência para você.

Portanto, que para consagrar está trajetória, que inúmeras vezes imaginávamos como seria, onde estaríamos quando a conclusão do curso chegasse? Estamos aqui, cinco anos depois, a alguns passos da tão sonhada formatura. Um processo que nos tirou da zona de conforto, mas

também entregou as melhores respostas da vida, tantas mudanças que talvez, nem os nossos melhores sonhos podem traduzir o sentimento que aflora neste momento.

Outono de 2022 de tantas ressignificações e esperanças, teu amor me ensina a ser uma pessoa melhor! ele é a doação mais pura e sincera que Deus abençoou, concedendo calma, força, dedicação e persistência.

Amor= um colo, um carinho, sempre o melhor remédio.

OBRIGADO POR TUDO!

TE AMO ❤️



"Ser profundamente amado por alguém nos dá força;

amar alguém profundamente nos dá coragem".

Lao - Tsé

Carta a minha orientadora!

Mais do que dizer um obrigado prof.^a! Agradecendo pela condução belíssima durante a pesquisa, está carta é a tradução mais singela de todo o meu carinho e amor pelo ser humano incrível que tive a oportunidade de conhecer que conviver nestes anos de formação acadêmica.

Um verdadeiro presente da vida, uma amiga para a vida toda, aquela que foi uma mãe quando eu estava fora de casa, foi um abraço acolhedor nos momentos difíceis. O melhor abraço da gratificante certeza que partilhar deste processo formativo foi transformador para ambas e consigo leva as melhores lembranças para a eternidade.

Essas palavras não chegam aos pés de sua grandeza, mas tenho a certeza que o sentimento de carinho é imenso; pois é esperança. Você foi sol nos meus dias mais cinzas e um céu estrelado nas noites mais escuras, a luminosidade que eu precisava, que deixou minha jornada de formação mais leve, que você entregou sem buscar nada material em troca.

Talvez você não imagine o tamanho do meu orgulho e felicidade, ao falar de ti, ao me contarem algo sobre você, ao dizer “ela é minha orientadora, viu”; que privilégio ter sido tão bem acolhida e abraçada quando nem eu mesma acreditava em mim. Às vezes, fico a imaginar como tem paciência, tanto amor e soubeste acolher, respeitar e formar com todo o afeto possível, tonando-se exemplo do que se traduz ter humanidade e exercer uma educação humanizadora.

Reconhecendo todo o meu processo reflexivo, entendo que está tudo bem em acolher as nossas fraquezas, como me ensinastes, pude sentir a sua voz e o seu abraço, que em nenhum momento sequer deixaram estar presente. Como borboletas, vivenciamos um processo de metamorfose, que apesar de lento, em sua companhia o voo foi lindo, leve e salvou o amor em por estar me tornado educadora.

E não a palavras mais bonitas que possam agradecer, principalmente por não ter soltado a minha mão e ter participado com tanta humanidade da realização do meu sonho. Uma das melhores memórias que levarei por onde eu for e tenha a certeza que você e sua família sempre terão um espaço em meu coração e um lugar privilegiado nas minhas orações.

Para sempre... Obrigada!

PROF.^a REGINA!

Meus Sinceros Agradecimentos!

Ao princípio dos meus mais sinceros agradecimentos, não poderia iniciar este texto sem mencionar toda a gratidão a Deus e a devoção a Nossa Senhora Aparecida, por guiarem-me desde a gênese da vida. A graça da luz divina, traduz a certeza do meu sentimento de força, amor e perseverança para vencer os obstáculos e saber agradecer pela vida e suas conquistas.

Também agradeço a Deus pela escolha familiar concedida a mim; meus pais, irmão que são o meu maior apoio desde o nascimento e nesta trajetória formativa foram os maiores alicerces, não mediram esforços para estar ao meu lado, auxiliando e fazendo o possível para realizar os meus objetivos.

Com relação a família, não poderia esquecer-me das pessoas maravilhosas que a vida me apresentou, obrigada! Por acolheram a minha família ajudando com o que era possível. Gestos, tão especiais, que os levo em minhas orações e referencio com enorme gratidão por todo o cuidado e amor.

Deste mesmo modo, também gostaria de lembrar e agradecer a oportunidade! Universidade Federal da Fronteira Sul – Campus Erechim. Grandiosa instituição, que me acolheu nos últimos cinco anos, apresentado toda a infraestrutura de excelência em qualidade para uma formação docente digna e humana. O curso de Pedagogia me auto (trans) formou.

Todas as pessoas que fizeram parte e foram essenciais no meu caminho, as aprendizagens, tudo que foi possibilitado pelos educadores são processos de conhecimento que jamais poderei esquecer.

E para agradecer todos os educadores que passaram e contribuíram com minha trajetória acadêmica, escolho os nomes de dois educadores de que fizeram parte da minha banca de defesa deste TCC, querida Professora Daiane, representado todo o meu carinho e agradecimento aos professores externos que tanto me acolheram e ajudaram nesta caminhada. Professor Thiago, representado toda a minha gratidão e reconhecimento pela dedicação de todos os meus professores nestes cinco anos de curso.

E não menos importante, um dos meus agradecimentos mais sinceros e especiais. A toda a família Marista Medianeira; Muito Obrigada! Pela oportunidade, é um presente ser acolhida com tanto respeito e carinho. Nestes meses que caminhamos juntos aprendo tanto e me transformo a cada dia, tudo parece um sonho feliz, que se materializa na realidade perfeitamente e essencialmente.

Obrigada por partilharem os dias comigo, desejo e oro para que permaneçamos unidos por muitos anos. **Vocês estarão para sempre em meu coração!**

RESUMO

A presente pesquisa visa compreender os princípios de uma educação humanizadora a partir do diálogo reflexivo, acolhendo as contribuições de dois renomados e inspiradores educadores: Paulo Freire e Miguel Arroyo; deste modo, refletir sobre as contribuições desses autores na formação dos educadores buscando encontrar na educação humanizadora a importância em se ter responsabilidade com o processo formativo de quem forma e é formado. Desse modo, o trabalho se insere em uma abordagem qualitativa da pesquisa através de uma escrita com reflexões oriundas de uma metodologia de cunho bibliográfico, com a análise interpretativa em livros, artigos, teses e dissertações; buscando as fundamentações da educação humanizadora e o porquê de esta ser nomeada um princípio relevante à educação. No decorrer da análise os autores anunciam e provocam reflexões sobre os princípios para uma educação humanizadora; na defesa por uma educação como direito e dever de todos, que respeita e principalmente, visa a humanização do processo, com qualidade e autonomia. Por isso, a partir de tais contribuições explanadas nos conhecimentos do discurso dos educadores, acolhidos para tecer a pesquisa, compreendem-se com mais clareza o objetivo deste movimento que busca conscientizar e humanizar a importância em se estabelecer o diálogo, a reflexão e o debate promovendo a consciência crítica nos sujeitos; sobre suas ações e contextos, com a intenção de reinventar a educação que conhecemos. É justamente, nesse sentido que a liberdade, sensibilidade e a dialogicidade tornam-se um desafio para uma educação humana, democrática e para os desencontros entre a visão de um ideal de educação, que precisa se efetivar na práxis cotidiana não só nas escolas, mas também na formação de educadores.

Palavras-chave: Educação Humanizadora; Paulo Freire, Miguel Arroyo; Formação; Educador.

ABSTRACT

The present research aims to understand the principles of a humanizing education from reflective dialogue, welcoming the contributions of two renowned and inspiring educators: Paulo Freire and Miguel Arroyo. For this, it was sought to reflect on the formative process of those who form and is formed by looking at the perspective of a humanizing education to students and educators at all levels of education. In this way, the work is inserted into a qualitative approach to education research and through a writing with reflections from a bibliographic methodology, based on humanizing education and its relevance in the framework of basic and higher education. In the course of the analysis, the authors announce and cause reflections on the principles for a humanizing education in defense by an education as the right of all and duty of the State, which respects the dialogue, autonomy and conscious construction in the formative processes of those who choose to teaching as a field of professional performance. Such contributions are directed to the knowledge found in the dialogues with the educators welcomed to weave the research, comprising the movement of dialogue, reflection and debate that promote critical consciousness in the subjects, their actions and contexts, with the intention of reinventing education which we know. It is, precisely, in this sense that freedom, sensitivity and dialogicity become a challenge for democratic education and mismatches between the vision of an ideal of education, which needs to be effective in daily praxis not only in schools, but also in the formation of teachers.

Keywords: Humanizing Education. Paulo Freire. Miguel Arroyo. Formation. Educator.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 ESCOLHAS DO PERCURSO METODOLÓGICO	14
2 EDUCAÇÃO HUMANIZADORA, POR QUÊ?	18
2.1 CONSCIENTIZAR E HUMANIZAR O PROCESSO FORMATIVO DO EDUCADOR.....	21
3 BIOGRAFIAS DE PAULO FREIRE E MIGUEL ARROYO	26
3.1 PAULO REGLUS NEVES FREIRE: UM SUJEITO SIMPLES QUE AMOU O MUNDO EM TODAS AS SUAS DIMENSÕES	27
3.2 MIGUEL GONZÁLEZ ARROYO: “EU SOU O MEU TEMPO E MINHAS MARCAS”.....	34
4 PARA UMA EDUCAÇÃO HUMANIZADORA: REFLEXÕES COM PAULO FREIRE E MIGUEL ARROYO	39
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	46
REFERÊNCIAS	49

INTRODUÇÃO

A educação não se estabelece por uma simples relação de aprender e ensinar, por mais que às vezes, essa definição lhe convenha, a multiplicidade atribuída na relação entre aprender e ensinar, ainda que pareça rasa, vai além. Afinal, é na relação entre os sujeitos e nas trocas de saberes e do diálogo, que está o sentido de ensinar e aprender, não como transmissão de conteúdo ou somente na discrepância daquele que sabe mais, para o que sabe menos.

A educação que se buscou apresentar nesse Trabalho de Conclusão de Curso está atrelada àquela que se está intimamente ligada à formação humana. A educação contemplada entre tantas definições sobre a força e a esperança em contextos e histórias que nem mesmo os mais profundos estudos serão possíveis de designar a sua constituição e sua crítica. A reflexão conceitual neste trabalho debruça-se por uma educação mais humana, em que se esteja diante de suas próprias relações de princípios éticos, democráticos e humanos.

Paulo Freire ao falar da educação, apresenta uma dimensão coletiva, democrática e não obstante, isolada e submergida a um padrão tradicional. Para Freire, a educação é um processo político, que liberta e é capaz de conscientizar o sujeito para a cidadania. Como dito “ninguém educa ninguém, como tão pouco ninguém educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo” (FREIRE, 1987, p. 39).

Nessa relação de troca de saberes, de acreditar na potência do diálogo e nas reflexões que podem suscitar é que se justifica o vínculo em tecer a escolha desta pesquisa, como caminho de leitura, análise e possibilidade reflexiva ao leitor, ao educador. O intuito está principalmente na tentativa de um processo reflexivo, a partir das contribuições teóricas de dois renomados educadores brasileiros: ‘Paulo Freire’ e ‘Miguel Arroyo’ sobre a educação humanizadora na formação de educandos e educadores.

Coerentemente a reflexão está voltada para finalidades educacionais, onde se acredita na urgência de que a educação seja humanizadora, de caráter amplo e que todos tenham acesso. Entende-se que isto reflete desde a formação do educador, nos bancos universitários, quando não se olha apenas para a constituição docente, mas para o ser humano. De modo que esteja presente no lado humano do profissional que forma e é formado a identidade acolhedora, crítica e potente. Aspecto este considerando o ambiente do termo humanizar, por vezes, entendido como benevolência. Todavia, vê-se este ambiente como ousadia!

Dessa forma, a potencialidade do estudo apresentado, buscou a expansão de um entendimento sobre a proposta, salientando o desejo que se carrega em suscitar mais estudos e análises, a partir do encontro com as perspectivas de Freire e Arroyo, autores, que são referência

na área e exímios educadores. Tais escolhas vêm, pela leitura reflexiva, crítica e política, que provocam sobre a educação e tudo que a permeia, além das palavras de força, para não deixar o caminho e a luta, demonstrando que todas as dificuldades que passaram em suas trajetórias não eximiram a coragem e o interesse por fazer um diálogo de mudança e esperança na área educativa.

Mesmo sendo um árduo caminho de luta, a ousadia necessita prevalecer na resistência, colaborando para um acolhimento potente de todas as indagações, tencionando ressignificações. É na ousadia, em um ato de coragem e em um olhar de amorosidade que está sempre presente as interfaces das obras e diálogos dos autores. Por isso, leva-se o principal desejo dos educadores e de todos aqueles que em si, acolhem a educação humanizadora como ação na educação.

Nas afirmações de Ecco (2014, p. 106) é preciso “lançar luzes, no sentido de ressignificar [...], na perspectiva de revigorar a esperança numa sociedade [...] mais altruísta, solidária, justa e humana”. Assim, assume-se o olhar político e pertinente a capacidade de indignar-se, como provoca o autor Arroyo. É nos obscuros processos com a educação que se torna autêntica a *práxis* da formação humana.

Ainda, Arroyo (2008), sob forte intencionalidade no aspecto de saber questionar e mobilizar ações democráticas e potentes contribui na reflexão de ações transformadoras. Cuidadosamente, sob novos olhares com os sujeitos, com a educação dimensionando todos os seus sentidos e contextos. Ou seja:

Quais são as possibilidades de humanização dos tempos, dos espaços, das normas, dos rituais, das relações sociais [...]? Todo esse cotidiano quebra identidades, quebra processos de aprender a ser gente, desconfigura auto-imagens...? [...]grandes questões de nosso ofício. De nossa humana docência. (ARROYO, 2008, p. 59).

Questões potentes para o momento histórico que está vigente, em tempos sombrios de pandemia, e de importante transformação da educação, que de extrema relevância para quaisquer práticas está na dialogia de que é necessário ousar, viver e formar-se com responsabilidade e autonomia. As experiências não tratam de condicionar os saberes e conhecimentos na valorização de títulos, quem sabe mais acerca disso ou daquilo que há de melhor em cada um, em respeito ao humano e daquilo que acreditam no campo da educação.

Assim, o presente trabalho, como conclusão de um curso de graduação que tem como objetivo formar educadores teve como objetivo compreender os princípios de uma educação humanizadora a partir do diálogo reflexivo. Nessa perspectiva, o percurso metodológico se relacionou com uma fase exploratória do tema a partir da leitura de livros (capítulos) e artigos, que compuseram o cunho bibliográfico da pesquisa. Fundamentados a partir das contribuições

dos educadores Paulo Freire e Miguel Arroyo, de modo a compreender os princípios da educação humanizadora e sua relevância no processo educacional.

O desenvolvimento do trabalho organizou-se em cinco capítulos, desde a fundamentação até considerações finais, abordando em cada capítulo, aquilo que se considerou pertinente para o momento. Logo após a introdução, o primeiro capítulo, compreendido como percurso metodológico, apresenta as escolhas estabelecidas na pesquisa. No segundo capítulo, conceitos, princípios e justificativa sobre a educação humanizadora, são discutidos e apresentados, abordando a responsabilidade com o processo formativo de quem forma e é formado, a partir de reflexões e tensionamentos, apoiados nas contribuições dos educadores referências deste estudo.

O terceiro capítulo foi dedicado às biografias dos principais autores que contribuem com o diálogo, na intenção de aclarar a vida e obra destes célebres nomes da educação e, com isso, suscitar o interesse pelo tema de pesquisa, além de demonstrar a relevância destes para a educação e dentro da proposta de estudo construída.

No quarto capítulo, buscou-se aproximar a defesa de uma educação humanizadora a partir dos vínculos epistemológicos entre Paulo Freire e Miguel Arroyo a respeito do processo em que se empenha o diálogo de pesquisa, a educação humanizadora do educador. Isto posto, ao fim do presente trabalho, apresenta-se o quinto capítulo que intitula as considerações finais, que, ao mesmo tempo são, ponto de chegada e de partida para essas e outras reflexões, para o desenvolvimento de um olhar humano para a educação.

Portanto, na esperança de uma formação sempre questionadora, em especial neste tempo de pandemia e de governo neoliberal que oprime os educadores sobre árduos caminhos,

a educação deve permitir uma leitura crítica do mundo. O mundo que nos rodeia é um mundo inacabado e isso implica a denúncia da realidade opressiva, da realidade injusta, inacabada, e, conseqüentemente, a crítica transformadora, portanto, o anúncio de outra realidade. O anúncio é a necessidade de criar uma nova realidade. Essa nova realidade é a utopia do educador. (GADOTTI, 1996, p. 81).

Justamente por este e outros inúmeros motivos que a formação do educador precisa estabelecer-se no dinamismo intelectual que a educação humanizadora exige por meio de práticas de escuta atenta, sensível, em um currículo que respeite a diversidade e promova experiências de diálogo, autonomia e construção do próprio aprendizado.

1 ESCOLHAS DO PERCURSO METODOLÓGICO

A palavra metodologia origina-se da terminologia grega, dividida em duas significações, “meta = ao largo; ‘odos’= caminho; ‘logos’= discurso, estudo” (Freitas; Pradanov, 2013, p. 14). Por isso que esta não se reduz apenas em uma investigação simples, mas elaborada em seu próprio processo. Entender que se reconhecer, escrever ou dialogar na e a respeito da educação é um desafio que, por vezes, é um ato paradoxal. Refletir sobre a educação é ler, falar e ouvir sobre muitas coisas, de tantos jeitos, é sobre revelar tantas memórias e desejar cada vez mais que ocorra a ressignificação de uma longa história para uma vivência dentro de um futuro que assista uma educação viva e potente.

Por esta razão, esse estudo insere-se na pesquisa qualitativa, ancorada em um dos seus instrumentos de análise a pesquisa bibliográfica por onde pretendeu inferir através das leituras em obras dos autores Paulo Freire e Miguel Arroyo, além de encontrar em artigos, capítulos de livro, dissertações e teses, interfaces do tema. Essas escolhas, parecem adequadas para o objetivo que o presente trabalho, entendendo que estes modos de pesquisa são fundamentais para o pensamento humano, sob uma educação humanizadora.

A metodologia escolhida compreende-se entre dois aspectos importantes: primeiro, o de reconhecer os conceitos abordados como um recorte da extensa obra dos principais autores e a segunda, a partir de uma análise reflexiva e interpretativa dos resultados que pretendeu elencar como ponto inicial o princípio acolhedor de uma educação que se quer humanizadora.

A pesquisa qualitativa como nos apresenta Stake (2011, p. 21) considera que

a ciência é uma compilação de ótimas explicações sobre coisas físicas, biológicas e sociológicas. [...]. A pesquisa científica é quantitativa de muitas formas. [...]. Cada uma das divisões da ciência também possui um lado qualitativo em que a experiência pessoal, a intuição e o ceticismo trabalham juntos para ajudar a aperfeiçoar as teorias e os experimentos. *Qualitativa* significa que seu raciocínio se baseia principalmente na percepção e compreensão humana. (STAKE, 2011, p. 21).

Portanto, ao definir e priorizar a compreensão de um fenômeno ou causa, o princípio da pesquisa está diante de uma vasta pluralidade de conceitos, opiniões, discursos, métodos e outros que se intercalam. Assim,

A abordagem qualitativa é igualmente conhecida, [...], pela integridade de seu pensamento. Não existe uma única forma de pensamento qualitativo, mas uma enorme coleção de formas: Ele é interpretativo, baseado em experiências, situacional e humanístico. Cada pesquisador fará isso de maneira diferente, mas quase todos trabalharão muito na interpretação. (STAKE, 2011, p. 41).

A pesquisa qualitativa “se faz referência a uma ampla gama de perspectivas, modalidades, abordagens, metodologias, [...] interessadas em descrever, interpretar, compreender, entender ou superar situações sociais e educacionais.” (JACOB, 1987; JORDAN, 2018 *apud* GONZÁLES, 2020, p. 155).

Desse modo, a abordagem qualitativa da pesquisa em educação coloca em evidência a análise e confiabilidade de um estudo interpretativo fundamentado em “referências teórico-metodológicas de tal maneira que se tornem lentes a dirigir o olhar, [...], entrelaçando fontes teóricas e materiais empíricos como quem tece uma teia de diferentes matizes. Tal é, no meu ver, a aventura da pesquisa científica.” (DUARTE, 2002, p. 152).

Nesse viés, buscou-se na pesquisa bibliográfica como fonte de análise do presente estudo. Segundo Lakatos e Marconi (1992, p.42) tal pesquisa busca “encontrar respostas para as questões propostas, utilizando-se de métodos científicos”. Ou seja, segundo os autores por meio de uma “pesquisa documental (ou fontes primárias) e pesquisa bibliográfica (ou de fontes secundárias).” (LAKATOS; MARCONI, 1992, p. 43). Na presente pesquisa utilizou-se a segunda fonte, ao abordar o levantamento bibliográfico que contribuiu com o tema, pois é “um procedimento metodológico importante na produção do conhecimento científico capaz de gerar, especialmente em temas pouco explorados a postulação de hipóteses ou interpretações que servirão de ponto de partida para outras pesquisas”. (LIMA; MIOTO, 2007, p. 43).

Posto isto, elencou-se a partir da bibliografia das principais obras de Paulo Freire e Miguel Arroyo, além de outras que se aproximaram das discussões sobre a educação humanizadora, de modo a compreender as contribuições desses importantes autores para o tema da pesquisa. Dessa maneira, ao longo da análise do estudo e escrita desse trabalho buscou-se realizar uma análise de cunho interpretativo que originou a organização dos dois quadros abaixo.

Quadro 1: Obras consultadas de Paulo Freire e Miguel Arroyo ¹

MIGUEL ARROYO	PAULO FREIRE
Ofício De Mestre - (2008) Imagens e auto-imagens	Educação Como Prática da Liberdade (2014)

¹ Estas são algumas obras de Paulo Freire e Miguel Arroyo utilizadas com maior ênfase para compor o embasamento teórico.

Currículo, Território Em Disputa (2013)	Pedagogia da Esperança: Um reencontro com a pedagogia do oprimido. (2013)
Vidas ameaçadas. Exigências-respostas éticas da educação e da docência (2019)	Medo e Ousadia: o cotidiano do professor (1986) Coautor - Ira Shor.
Imagens quebradas: Trajetórias e tempos de alunos e mestres (2004)	Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa (2002)
Educador em diálogo com nosso tempo. (2011)	Pedagogia do Oprimido (2013)

Fonte: Elaborado pela autora.

Quadro 2: Outras obras consultadas para a pesquisa²

Obra – Título	Autor (a) e /ou/ organizadores(as)
Educação Humanizada Na Sociedade Globalizada (2007)	Celso Ilgo Henz - Ricardo Rossato (orgs.)
Paulo Freire: em diálogo com outros (as) autores (as) (2014)	Ana Lúcia Souza de Freitas; Gomercindo Ghiggi e Thiago Ingrassia Pereira (orgs.)
O pensar educação em Paulo Freire: Para uma pedagogia de mudanças (s.d.)	Sandra Cristina Schram e Marco Antônio Batista Carvalho
Aprender e Ensinar com Paulo Freire: por uma escola emancipatória (2015).	Thiago Ingrassia Pereira.
Virtudes docentes para a Educação Humanizadora: revisitando Paulo Freire (2014).	Idanir Ecco.

Fonte: Elaborado pela autora.

² Obras que colaboraram com a escrita reflexiva sobre a educação humanizadora.

Apresentados em referência, algumas obras utilizadas com maior ênfase para embasamento teórico e toda a escrita da presente pesquisa, visto que estas foram primordiais para a reflexão crítica ao abordar questões referentes à educação humanizadora. De acordo com Arroyo a capacidade da indignação que os sujeitos devem ter consigo, não deve vir vazia, infundada em “achismos”, é necessário colocar em pauta ações que colaborem com as mudanças, as reestruturações que tanto busca-se no campo da educação. O diálogo diante da matriz humanizadora da Educação Freireana e o olhar de formação docente de Arroyo foram acolhidas para no sentido de desafiar-se na reflexão dessas premissas e estabelecer reflexões possíveis para esse momento.

A análise interpretativa foi embasada nas ideias dos autores e que suscitou reflexões (auto) formativas produzidas nas relações contextuais e que as literaturas provocaram ao compreender as contribuições para atingir os resultados pretendidos. Interpretar é muito além de ler e “juntar” ideias, nas palavras de Severino (2007, p.59) “[...] é tomar uma posição própria a respeito das ideias enunciadas, [...] é ler nas entrelinhas, é forçar o autor a um diálogo, é explorar toda a fecundidade das ideias expostas, é cotejá-las com outras, enfim, é dialogar com o autor.” Partindo dessa perspectiva, fez-se necessário levar em consideração as leituras e investigações bibliograficamente apresentadas, para elucidar o tema de pesquisa.

A seguir, refletiu-se sobre os entrelaçamentos teóricos reflexivos em defesa de uma educação humanizadora no processo educacional dos sujeitos, que se apresenta como possibilidade de esperar e resistir às demandas de uma educação que tem exigido coragem dos sujeitos que a vivem.

2 EDUCAÇÃO HUMANIZADORA, POR QUÊ?

A educação humanizadora é o princípio da ética e da responsabilidade com a formação do outro. De modo algum estamos falando de uma metodologia de trabalho ou execução de atividades, mas, voltando-se neste olhar para a educação, onde o essencial está em abrir espaço para o respeito e o acolhimento com o processo de aprendizagem e desenvolvimento de cada sujeito.

Como menciona Freire (1996) na educação tudo acontece na reflexão, ação e vice-versa, por isso, torna-se importante um diálogo sobre a responsabilidade com a educação e sua integração com a sociedade. A educação não pode ser entendida como única e dela espera-se que tudo aconteça, que esteja voltada a salvação humanitária das dificuldades sociais, pois ainda que seja inquietante e doloroso assistir a má qualidade de muitas questões perenes de nossa sociedade, a própria educação tem seus contextos de defasagem, que permeiam e exigem uma ressignificação constantemente.

Por isso, é preciso olhar com ética e valorização para as necessidades e potencialidades reais que se apresentam em cada um destes contextos e sujeitos, com seus processos. Uma vez que, antes mesmo de falar sobre um princípio de educação, necessita-se entender onde este encaixa-se na sociedade e o porquê, onde cabe sua relevância, que nos solicita um estudo crítico e reflexivo. Qual a imagem de educação, do educador e do processo formativo, de quem forma e é formado, o que se tem e o que se deseja como avanços e transformações positivas.

Para tanto, é necessário observar a escolha de um olhar para a educação e seus sujeitos, é refletir sobre um contexto ainda bastante organizado em um paralelo tradicional, muitas vezes este incoerente a atualidade; como diz o autor Cremonesi (2007, p. 7) “emergência de discussões em torno da necessidade de reelaboração de novos fundamentos para aquela [que] também deve ser constante, reflexiva e democrática”.

Uma dimensão que ao longo da história vem constituindo -se em um longo processo de ação, que por vezes “ousa” com dignidade tentar a mudança, mas por outras tantas vezes é tão sordidamente desumanizada, por políticas e ações governamentais que forçam a formalização de um processo “faz-de-conta”, este que é muito propagado como benfeitoria de novas leis, mas ao contexto da “história real” não passa de dimensões formalizantes para avanços qualificatórias a subordinação mercantil.

Nesse sentido, reflete-se e problematiza o desejo de uma educação de possibilidades, de um real sentido em respeitar o conhecimento prévio e deste fazer ponte não só para qualificar, mas formar sujeitos que compreendam o seu papel social e a perspectiva de resistência a

proteger o seu próprio querer. Assim, “compreendendo que há uma polissemia de saberes, vivências e experiências e que, apesar das inúmeras desigualdades sociais, deve-se problematizar a necessidade de uma educação igualitária que ultrapasse as barreiras socioeconômicas” (SILVEIRA; SCHEFFER, 2021, p. 9).

Logo, vindo a produzir um enorme contraste dentro de seu próprio conjunto, em que tudo se polariza, reconstrói e ganha novos sentidos temporalmente, desta forma (des) valorizando e diversificando os processos. Eis a razão do sentido em dialogar a respeito de uma educação que seja humanizadora e o porquê desta; já que, as fagulhas de incoerências e retrocessos ainda muito presentes na nossa atualidade, acabam por nortear uma educação incompatível perante o interesse nas formações críticas reflexivas.

Desconsidera-se a voz dos educandos e educadores ao não proporcionar um ensino mais dialógico e autônomo frente às aprendizagens, e como bem dialogam com Freire e Arroyo, “Pedagogia da comunicação com a qual pudéssemos vencer o desamor do anti-diálogo [...]” (FREIRE, 1979, p. 69).

Os estreitos vínculos entre a educação, desumanização, proibição de ser, recuperação de humanidade roubada, não tem mexido com a pedagogia escolar, tão polarizada na teoria do conhecimento [...]. Tão centrada em uma visão idílica [...], tão atraída pelos apelos do mercado e pela ilusão de preparar para o futuro redentor. A infância e a adolescência real, não cabem nesse foco tão estreito. Não cabem na pedagogia escolar, [...] trazendo-nos as marcas das condições deformadoras em que reproduzem sua existência. (ARROYO, 2008, p. 243).

Sendo assim, a educação humanizadora, vem promover como princípio a ética e a valorização da dignidade humana, desenvolvendo características como o respeito ao trajeto formativo do educador, bem como a ressignificação de conceitos potencializadores da contemporaneidade, assim como destaca Bazzara; Casanova e Ugarte (2008, p. 80):

Educar é humanizar; é crer e confiar no ser humano, e é estar disposto permanentemente, a engrandecer em todos, e em cada um de nossos alunos, a globalidade de suas potencialidades, isto é, aumentar neles o potencial de inteligência, de sensibilidade e de ternura que se esconde em sua humanidade.

E mesmo que esta educação venha carregada de incoerências, também irá vir repleta de esperança daqueles que sonhavam em formar-se educadores e dos que ainda são sujeitos dos bancos universitários, que aspiram por encontrar ou fazer parte de mudanças importantes na sociedade e nos ambientes escolares.

Pois, esta é a razão de estar em constante aprendizado, onde a dialogicidade e as práticas pedagógicas tornam-se fortes e únicas. O interesse por mudanças na educação produz vínculos reflexivos para além de conseguir atingir os objetivos de aprendizagem, mas também colocar em notoriedade a dimensão tão relevante que a educação tem em nossa sociedade.

De acordo com Silveira; Scheffer, (2021, p. 9) “[...] a escola tem a função de formar cidadãos pensantes, críticos e atuantes, entende-se a aprendizagem como um processo interativo, dinâmico e conseqüentemente entre sujeito/sujeito e sujeito/conhecimento”. Deste modo, são diversos questionamentos que interpelam a educação humanizadora, uma vez que se relaciona como um respiro e amparo à luta, onde é justamente para responder e talvez, se retome perguntas que possam ser debatidas sempre por um diálogo reflexivo.

Refletir sobre uma educação humanizadora é ir além do “[...] libertar os sujeitos das ideias hegemônicas presentes nas questões culturais, sociais, ambientais, econômicas, políticas e históricas”. Ou seja, “Pensar em educação humanizadora consiste em criar condições de liberdade aos sujeitos, evidenciando a sua importância enquanto sujeito social, com autonomia e responsabilidade sobre seus atos” (SILVEIRA; SCHEFFER, 2021, p. 11).

Mediante as reflexões apresentadas, entende-se ser humanamente necessário ouvir e buscar interpelar as justificativas que alcançam o caminho de diálogos; que possam superar as interfaces de autoridade e desumanização, escondidas nas metodologias e ações tradicionais. A submersão supérflua em alguns aspectos durante formações de estudo padronizadas e descontinuadas não estabelecerão um padrão de “bom desempenho”.

Estas ocasiões de formação em “imagens quebradas nas trajetórias e tempos de alunos e mestre” como apresenta Arroyo (2004), ao escrever sobre as escolas e seus sujeitos a disparidade que acaba refletindo na pedagogia do ensino. Desse modo, a formação não se concretiza fora da procura em promover uma (auto) formação do educando e nem do educador. Para Arroyo (2008):

Educar educadores deve ser mais do que dominar técnicas, métodos e teorias, é manter uma escuta sempre renovada porque essa leitura nunca está acabada. Como uma matéria pendente, nunca aprovada. Um saber pedagógico para ser vivido mais do que transmitido. Aprendido num diálogo atento, em primeiro lugar, com os diversos aprendizados, com o próprio percurso de nossa formação, e com os percursos daqueles com os quais temos o privilégio de conviver mais de perto, filhos, amigos, alunos. (ARROYO, 2008, p. 46).

Uma educação que se almeja e se reinventa a formar cidadãos precisa interpretar situações problemas e se engajar em processos críticos de sua própria realidade. Portanto, mesmo que lhe esteja condicionado à execução de tarefas mecânicas, em sala de aula com tempo regrado, o tempo todo; haverá a interrogação da prática que irá interpelar a própria formação do educador e assim tirá-lo de uma possível zona de conforto, como nos disse acima o estudioso Arroyo.

2.1 CONSCIENTIZAR E HUMANIZAR O PROCESSO FORMATIVO DO EDUCADOR

A Humanização da educação perpassa pelos princípios éticos da profissão com os sujeitos, pelo diálogo, pela autonomia e pela democracia. Inexiste humanização na educação a partir de uma perspectiva pautada em que o objetivo primordial esteja nos números, em uma avaliação quantitativa daquilo que se aprende na escola, fixada somente em uma prática conteudista descontextualizada da realidade.

Diferente disso, a perspectiva freiriana, compreende a educação como projeto de uma sociedade mais humana e consciente.

Diante das realidades opressoras que desumanizam homens e mulheres no mundo todo, o que devemos fazer, enquanto autênticos humanistas, é lutar de forma esperançosa e autocrítica pela transformação da sociedade e da cultura de opressão. Sem esperança não é possível a assunção da utopia que fortalece nossa luta por um mundo mais livre e humanizado. (ZITKOSKI, 2010, p. 404-405).

Tal como refere Paulo Freire, é necessário acolher ações educativas, na essência das leituras e vivências, ao observar os sujeitos como protagonistas de uma história de muitas vozes, como primordial encontro nas múltiplas funções da educação e retomar nossas "auto (transformações)". (HENZ, 2007).

Coletivamente, tempos de diálogos e tomada de consciência este é o ápice dos privilégios desejados e deve sempre ser pauta de uma educação responsável. Esse que deve ser o maior princípio a desejar para educação, que possa se dar pelo diálogo, pela autonomia de uma educação libertadora ao vivenciar uma ação consciente e humanizada para romper com as barreiras que a oprimem.

Uma educação libertadora, que de acordo com Freire, é centralidade da educação e sempre precisará ser o seu vínculo mais forte entre os aspectos de conscientização e revolução. Somente a partir da conscientização de sua importância será possível refletir sobre os processos de democracia que tanto se busca. Segundo Almeida; Lopes, (2021, p. 331) “[...] ao unir esse posicionamento com o projeto educativo libertador, visa transformar a realidade social na sua interação com o meio, na promoção da comunicação e da libertação como processo dialógico”.

Por isso, antes de tudo, Freire aponta o sentido da educação permitindo a liberdade de ousar em criar um mundo ressignificado de suas trajetórias passadas, não eximidas, mas transformadas em um processo de aprendizado dialógico constante e acolhedor.

Isso porque, como seres livres, constroem a suas histórias e uma nova realidade nasce do exercício de sua liberdade. Este anúncio de um novo mundo, que chamamos aqui de consciência crítica que possibilita aos educadores e educandos seja agente de

transformação da realidade e numa relação dialógica buscando não apenas conhecer a realidade dada, mas, descobrir o que está além do que ela nos apresenta. (ALMEIDA; LOPES, 2021, p. 331).

Uma educação problematizadora que, nessa perspectiva, é o único ponto de partida para obter a humanização e liberdade de um histórico ciclo que se movimenta por uma modernidade, fundamentada na cultura da dominação. Cultura essa que se esconde atrás de meios civilizatórios, e que com hipocrisia e dissimulação coloca a ingenuidade dos sujeitos como entendimento da incapacidade sobre o exercício de sua cidadania, dentro a ineficácia de seus conhecimentos educacionais.

Estes saberes que os “civilizados” apresentam e impõem para grande parte do todo social. Por essa razão, objetiva a desmistificação de uma realidade condicionada como verdade se apresentando como único meio dos sujeitos tornarem-se verdadeiramente humanos e conseguirem “participar” da sociedade e dos falsos processos democráticos.

Ao unir esses aspectos, Freire (2006, p. 85) menciona que a “educação libertadora é um processo pelo qual o educador convida os educandos a reconhecer e desvelar a realidade criticamente, não há sujeitos que libertam e objetos que são libertados”.

A consciência crítica se fortalece com o dialógico, que deve ocorrer de modo gradual, contínuo e respeitoso, ou seja, a criticidade pressupõe falar, mas também saber escutar. Pois, o ponto de vista dialógico, **a libertação se situa dentro de um tempo e de um espaço em constante devir.** (ALMEIDA; LOPES, 2021, p. 332. grifo nosso).

Desta maneira, também, em diálogo, Arroyo propõe refletir e trabalhar por uma ação prática consciente como educador e no processo formativo do outro, no ato de aproximar. Como um reconhecimento das condições e situações que podem perpetuar pelas gerações, assim como espelhar os processos de desenvolvimento de exatidão e maneira urgente e qualificada, de humanizar a pluralidade pedagógica.

Dentro a autenticidade de uma formação democrática com autonomia e respeito à diversidade, é preciso ser resistente às instâncias de controle que se baseia na mesmice de possuir um olhar técnico para a profissão de ser educador, a partir de se obter um diploma, por equivalência de concluir uma experiência que dá aptidão para o trabalho.

Como aborda Arroyo:

A maioria dos professores e das professoras de Educação Básica foram formados (as) para serem ensinantes, para transmitir conteúdos, programas, áreas e disciplinas de ensino. Em sua formação não receberam teoria pedagógica, teorias da educação, mas uma grande carga horária de conteúdos de área e metodologias de ensino. (ARROYO, 2008, p. 52).

Contudo, é preciso refletir que para se ter responsabilidade com o processo formativo Primeiramente, é necessário conscientizar o educador do que significa pensar “fora da caixa”,

ou seja, fora do padrão. E intencionalmente ao acolher este conhecimento crítico, efetivar a ação de olhar para a educação, seus sujeitos e contextos a partir da humanidade e afetividade, acolhendo com o respeito a área de diálogo, as possibilidades, a qualquer tempo e situação.

A constituição de uma educação com qualidade e continuidade, antes e depois, refletindo sobre esta perspectiva de formação humana, que se coloca a pertinência sobre a responsabilidade e o compromisso muito além de estar considerando a escolha profissional, como bem maior para além, se está em pauta à formação de educador. Considera-se que esta é uma escolha de vida, que precisa ser carregada de significados e não de uma formação vazia, a qual apenas se habilitou para o exercício profissional de uma especialidade ou condução de turma.

Assim, o pensamento freiriano, nos diz que antes de buscar mudanças de metodologias, buscar as superações de opressões e discutir sobre os responsáveis. É preciso agir em progressão.

Você, eu, um sem-número de educadores sabemos todos que a educação não é a chave das transformações do mundo, mas sabemos também que as mudanças do mundo são um que fazer educativo em si mesmo. Sabemos que a educação não pode tudo, mas pode alguma coisa. Sua força reside exatamente na sua fraqueza. Cabe a nós pôr sua força a serviço de nossos sonhos. (FREIRE, 1991, p. 126).

A resolução consiste em estabelecer diálogos construtivos em que é preciso sabedoria para agir. Pois, se já debilitados pelas trajetórias quebradas, como se refere Arroyo, de que maneira seria forte para oprimir alguém? Ou destruir uma história, mesmo não a considerando como suficiente?

Por isso, que a tarefa de uma educação humanizadora é tão complexa, a decadência do erro não pode superar uma luta ou virar guerra entre sujeitos que fazem parte de um mesmo bem. A mudança que se quer está no contraste em não revidar as intimidações, muitos menos ceder-lhes, mas ampará-las na reflexão que se entende o lugar, o tempo e a relevância de cada processo e sua história constituída.

A luta está no diálogo, em estabelecer estudos que questionam e movimentam reflexões a respeito de que entendimentos se têm dos valores para a educação. Questionar a quem faz a educação, inclusive, na formação de educadores, pois é nesse momento que se distinguem os cursos universitários.

[...] a história da educação estudada pelos professores (as) é a história da escola, dos sistemas de ensino não sua história profissional, dos seus saberes de ofício. Entretanto, os pedagogos foram antes do que a pedagogia e do que as escolas. O magistério é anterior às suas instituições de ensino. Houve no imaginário sobre a educação uma despersonalização [...]. O imaginário sobre o magistério tem muito a ver com a

despersonalização da educação. A professora e o professor vistos apenas como apêndices. (ARROYO, 2008, p. 10).

Essa despersonalização, da qual menciona o autor, é um dos principais pontos, também relevantes contribuintes para a desumanização da educação. Por mais que esta palavra que se deriva de desumano, está com um significado forte, é a palavra que melhor cabe para falar destes currículos enfadonhos.

Compilados de leis e didatismo do “que fazer, de que maneira” que intervêm com dificuldades e empecilhos, em contexto de inúmeras políticas públicas, que tendem a “armar” as vias educacionais, com a experiência para alguma finalidade, excluindo a falta de sensibilidade e ética na promoção de um conhecimento crítico. Diante disso, falamos e entendemos a luta por constituírem-se currículos e projetos pedagógicos da maneira mais íntegra possível, desde o início da formação universitária.

Este que é o princípio desejável e que esperasse, como mudança de consciência olhando para o educador que se constitui em cada um como essencial. Conforme menciona Andrade:

[...], (re)pensar na formação de professores em nível superior é avaliar práticas passadas e (re)construir uma nova universidade, ancorada em sua multiplicidade de rostos, corpos, de saberes e de valores, mas que objetivam um bem comum: a educação. Principiando por políticas que atendam às demandas emergentes, que acolham os (as) licenciados (as) e os formam, de fato, para o exercício da docência com conceituações sólidas e práticas agregadas de significados. (ANDRADE, 2020, p.73).

Nessa perspectiva, para que a busca de reconstrução humana na educação se torne efetiva, acolher os futuros educadores é essencial e determinante para que estes experimentem esta humanização já no início de sua formação acadêmica. Visto que, não há como promover uma educação humanizadora na escola, se esta não foi apresentada e vivenciada ao longo do processo de formação?

Nesse sentido, a importância em torno da permanência é processo que além de qualificar, transforme o futuro educador, tornando um pesquisador crítico; sob a relevância da reflexão proposta; em principal ponte na formação docente, o encontro de relevantes saberes da educação. Acolhendo as suas trajetórias com respeito e promovendo reflexões acerca daquilo que se acredita, fomentando transformações na educação ao tratar-se com ética o desejo de mudança.

De modo a insistir nas constantes interrogações; de onde vem a força de um educador? Em que lugar está à formação docente, porque para ela o princípio da educação humanizadora? Questionamentos que ao buscar respostas, encontram-se outras indagações, e a procura nunca termina, a formação sempre continuará trazendo novas alusões que se abrem para aproximar-se de um diálogo que fale de si, do humano, do profissional.

[...] A dimensão humana da educação está indissolúvelmente ligada à questão política da educação. Humanizar-se pela educação implica também ter esperança, acreditar que é possível construir uma escola – e uma sociedade – menos desumana, tanto para os(as) educandos(as) quanto para os(as) educadores(as). (HENZ, 2007, p. 154).

Assim a práxis vem ressignificando a condição redutora dos educadores, até então condicionados a serem receptores de conteúdos em suas formações, encarregados de despejar o conhecimento para os educandos. Como se o desenvolvimento da aprendizagem só se desse a partir dos conteúdos escolares, de modo que os saberes culturais fossem entendidos meramente como ilustrativos.

Com isso, os que recebem toda a massa de matéria descontextualizada tornam-se um depósito acumulativo de conceitos durante anos, internalizando que essa situação é a correta, dado que se quer tem o entendimento sobre esta exclusão de seus direitos e a opressão vivenciada.

Por isso, que a aqueles (as) que chegarem essas palavras, deseja-se que consiga entender dentro de suas realidades, o contexto de liberdade e democracia. A quem chegar, que faça na sociedade seu lugar de fala e nos contextos formativos, que se acolha o processo de formação com ética e dignidade.

Que não se subestime em aceitar padrões de discursos, nem se inferiorize das potencialidades por sistemas autoritários, que se siga em busca de recuperar o direito a uma educação mais humana, responsável e formadora, onde todas as opiniões sejam relevantes e respeitadas.

3 BIOGRAFIAS DE PAULO FREIRE E MIGUEL ARROYO

Histórias de vidas, apresentações de trajetórias, provavelmente nem todas as apreciações em sua essência referem-se, mas olhar para existência de alguém com acolhimento afetuoso e escuta sensível na educação, é uma das mais importantes tarefas na ação de dar movimento à humanização da educação. Por isso, comprometer-se em apresentar aspectos a respeito de célebres pessoas requer além de ética e legitimidade, propor o desenvolvimento de um processo que dá visibilidade e resistência para entrelaçar os diálogos e os fundamentos reflexivos deste trabalho.

Por essa razão, a seguir, apresenta-se a redação do texto sobre os autores (referência) e o porquê de esses terem sido escolhidos para contribuir com a fundamentação do trabalho. Desse modo, elaborou-se uma escrita das biografias de tal maneira que as informações encontradas na leitura e estudo de pesquisas oriundas de livros e *ebooks* a respeito da trajetória dos autores, artigos publicados sites da *internet*, biografias disponíveis na Scielo, além de livros e *ebooks* específicos, a respeito destes.

Assim, buscando encontrar conexões de suas vidas com o essencial diálogo de seus discursos a respeito do princípio de uma educação humanizadora. Desta maneira, por exemplo, para apresentar recortes da vida de Freire e suas obras, muito usou-se de uma importante obra de biografia escrita por sua viúva Ana Freire (Nita). Complementando com o auxílio de suas próprias obras que muito além de abordarem diversos assuntos, traduzem o sentimento e a essência do ser humano que foi Paulo Reglus Neves Freire e ainda é (*in memoriam*) para a educação de todo o mundo.

Agora, ao tratar-se da apreciação de quem é o educador Miguel Arroyo e suas obras, certa tarefa, muito embora tenha sucedido se bem, esta foi bem mais facultada em sua escrita. Não medisse esforços para buscar leituras que apresentassem o educador e trabalhassem a sua área de pesquisa, entretanto não foram encontradas obras de biografias ou artigos que retratam a vida de Arroyo com maior ênfase.

Desta maneira, alcançaram-se as informações, através de vídeos (entrevistas) concedidas a universidades e também ao analisar seu currículo Lattes na plataforma CNPQ, este que foi de fundamental ajuda para tecer a escrita do texto das referidas páginas. Então, na sequência encontram-se as seções de biografia dos autores, iniciando com Paulo Reglus Neves Freire e em seguida Miguel González Arroyo.

3.1 PAULO REGLUS NEVES FREIRE: UM SUJEITO SIMPLES QUE AMOU O MUNDO EM TODAS AS SUAS DIMENSÕES³



Fonte: **Site Brasil de Fato**- Uma visão popular do Brasil e do mundo.

De todo o conjunto que se refere à biografia, a bibliografia e humanização dos estudos e legado de Paulo Freire, é de incumbência primordial que este exímio educador seja lembrando como ele mesmo um dia desejou, um sujeito simples que amou o mundo em todas as suas dimensões, alguém que amou, sobretudo a vida.

Nasceu em 19 de setembro de 1921, um recifense/pernambucano que por toda a sua vida, seria um honroso cidadão, de grandes palavras, conhecimentos e luta democrática. Ao longo de seus 76 anos em vida, Paulo Freire, tornou-se um homem inteligente, amoroso e batalhador, o menino que foi o quarto e último filho do casal, teve além dos pais como exemplo de amorosidade e esperança, a união com seus irmãos. Armando Freire, Stella e Temístocles, que se fortaleceu principalmente no grande afeto e aprendizado nos momentos duros em que a pobreza os assolava. O filho de Eldetrudes Neves Freire e Joaquim Temístocles Freire teve uma infância de instabilidade financeira com sua família, passando por tensos momentos de pobreza e luta para conseguir estudar.

Sua trajetória em nada teve facilidades e riquezas, foi preciso honrar com muita dedicação, todo esforço que a família vinha desempenhando. Gestos estes que Paulo Freire sempre fez questão de contar em sua trajetória, ressaltando os momentos de luta em relação às dificuldades familiares e também com estudos.

³ Aqui fica expresso que as páginas deste capítulo referentes ao educador Paulo Freire, em grande parte tem suas informações advindas da leitura e transcrição da obra biográfica que (Ana Freire) escreveu. Este livro foi lido e analisado pela autora deste trabalho, assim propiciando a transcrição das informações, de maneira original e contextualizada.

Seu contato primário com a leitura de mundo, como ele mesmo se refere em suas obras, em geral, com a educação, se deu nas experiências simples da infância, em brincadeiras na terra, a sombra de árvores e nas vivências de escolas, que ele mesmo criava utilizando-se de gravetos de pau em escritos no chão de terra, pois sua alfabetização primária deu-se em casa com a ajuda dos pais. A leitura de mundo precedia as memórias que criava com as letras, palavras, contextos de seu cotidiano, sem encantadores recursos literários, mas com a alegria de sempre reencontrar-se com seus desejos nas brincadeiras.

A mãe, uma senhora do lar, além de ver a família passando por momentos de grandes dificuldades financeiras, e também com marido estava muito doente, precisando de cuidados, situação que deixava as adversidades ainda mais obscuras. A renda principal da família, proveniente do seu trabalho como militar, já não era suficiente. Nesta fase de sua história, Paulo Freire já tinha 13 anos e acompanhou de perto todas as ocorrências difíceis da família ajudando a mãe no que era possível, principalmente quando o seu pai faleceu e o sustento da família teria de partir da mãe viúva e dos seus irmãos.

Assim como fez o mais velho, a irmã Stella foi em busca de um trabalho que pudesse conciliar com seus estudos e desse modo conseguiam contribuir com o sustento da família. Ela optou pela formação no curso de educadores, tornando-se professora primária. Foi nessa fase, que Paulo uma de suas primeiras visualizações do que era a docência vinda a se encantar com esse ofício, pois, as brincadeiras preferidas eram as de escola, onde as aulas aconteciam aos pés das árvores e a escrita era na terra. Fiel parceiro de todas as travessuras da infância, o irmão Temístocles fazia parte da brincadeira.

Foi o irmão-companheiro de dores e travessuras da infância. [...]. Temístocles reformou-se como sargento do Exército logo depois do golpe de Estado de 1964, em solidariedade a Paulo: não podia se conceber dentro de uma organização que tratava seu irmão como um ser malvado, ateu, nazista e comunista. (FREIRE, 2017, p. 27).

O exemplo do grande companheirismo com seu irmão, Freire também dedicou reconhecimento precioso em suas relações de amizade e um dos seus melhores amigos, Albino Fernandes Vital, foi com quem compartilhou suas primeiras frustrações sobre o exercício de ser educador, em que veio a dar origem a obra “Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar” (1993), livro oferecido na dedicatória ao grande amigo como homenagem e gratidão.

Ao alcance dessa dimensão, contanto a essência de um livro que se originou das vivências de Freire com a educação se faz importante retomar memórias que contam e fazem entender sua história e caminho. Regressar às raízes de seu primeiro contato com a escola, até o encontro com leitura da palavra e leitura de mundo, que descrevem sua paixão pelo ensino e profundo respeito e luta para que a educação seja em cada processo humanizadora.

A vida e obra de Paulo Freire confundem-se, pois não escreveu sobre coisas abstratas ou distintas; que ouviu falar. Escreveu sobre o óbvio, o cotidiano, sobre aquilo que se via (que ele via), que se observava (que ele observava), que se escutava (que ele escutava) e o que sentia (o que ele sentia) todos os dias. Para se recuperar a vida e obra de Paulo Freire, deve-se, antes de mais nada, recuperar a sua história de vida, e como foi sua vida. (FREIRE, 2012, p. 12).

Nessas reflexões, apresentam-se as memórias relacionadas à sua formação e o decorrer de seu projeto de vida concebido em uma leitura de mundo que optou sempre por falar das raízes de sua alfabetização para que, nem o seu conhecimento ou a excepcionalidade, como educador pudessem ser confundidos com vida de estabilidade, com proveitos e colocação facilitando seus estudos.

Porém, tudo isso foi majestosamente retribuído à sociedade, com toda a luta e diálogos por uma educação democrática e acolhedora. Daí que apresentar as recordações que ele mesmo sempre fazia questão de contar e escrever nas páginas de suas obras, marcam uma das fases mais importantes deste conto biográfico. Visto que se passa a entrelaçar a vida do sujeito simples com a constituição do Patrono da Educação Brasileira (2012)⁴.

Em reconhecimento por dedicar grande parte de sua vida à educação brasileira, apresentando grandiosas contribuições ao país, Paulo Reglus Neves Freire foi nomeado a este título no ano de 2012, pela sanção da então Presidenta da República, Dilma Rousseff.

Ao buscar tais recordações, é importante destacar os relatos do livro “Paulo Freire: uma História de Vida”⁵ (2006), em que ocorreu de maneira simples em uma relação indissociável a leitura de mundo (contexto) e a leitura da palavra (linguagem).

Isto porque a leitura da palavra é sempre precedida da leitura do mundo. E aprender a ler, a escrever, alfabetizar-se é, antes de tudo, aprender a ler o mundo, compreender o seu contexto, não numa manipulação mecânica de palavras, mas numa dimensão mecânica que vincula linguagem e realidade. (SEVERINO, 1982, p.7).

Conforme Paulo Freire já havia tido os primeiros contatos com a linguagem, ainda na sua tenra infância com a ajuda dos pais e irmã, o aprender a ler com maior independência ocorreu com os ensinamentos de sua primeira mestra, dona Amália Costa Lima e suas filhas, que por ele nutria carinho e foram lhe apresentando como o ensinar poderia ser realizado com

⁴ LEI Nº 12.612, DE 13 DE ABRIL DE 2012 – [...] “Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei: Art. 1º O educador Paulo Freire é declarado Patrono da Educação Brasileira. Art. 2º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação. Brasília, 13 de abril de 2012; [...]. (Brasil, 2012, Diário Oficial da União, República Federativa do Brasil. Seção 1, p. 1).

⁵ Consideração e reconhecimento a senhora Ana Maria Araújo Freire (Nita) esposa/viúva de Paulo Freire, por sua sensatez e amorosidade, de maneira digna e especial à escrita da obra “Paulo Freire: Uma História De Vida”, na qual partilhou as interfaces da vida de seu companheiro, desde o nascimento, a compreensão em relevância da obra Freireana e seu desejo pela humanização da educação.

amorosidade e acolhimento. Ou seja, o processo não precisa ser rígido, pois o aprendizado acontece mediante as vivências e o exemplo dado.

Com a mesma perspectiva e alegria, algum tempo depois, deu-se seu primeiro contato com a escola. Aos seis anos, Paulo Freire iniciou sua jornada escolar com um pequeno grupo de crianças e passou a frequentar a escola da professora Eunice de Vasconcelos, primeira experiência escolar que o marcou significativamente e jamais fora esquecida.

Ainda que este período tenha sido relativamente curto, devido à mudança de cidade da professora Eunice, o dedicado estudante fazia questão de lembrar como sua professora, mesmo tão jovem, lhe ensinara reflexões tão importantes. Posteriormente a essa fase, já crescido em idade, as situações ficaram mais obscuras para a continuidade dos estudos. Mediante as muitas dificuldades financeiras, teve de passar por algumas transitórias mudanças de escolas.

Dado o árduo esforço necessário, mesmo diante humilhações, sua mãe nunca deixou de buscar por uma escola de qualidade para seu filho e como não poderia pagar os altos custos de uma instituição particular, lutava para que concedesse uma bolsa de estudos. E assim, após grande empenho, conseguiu para o filho uma boa escola que o aceitou na condição que ele se dedicasse com entusiasmo integralmente nos estudos.

Assim, Paulo Freire que na época já estava com 15 anos, ano de 1937, havia concluído o ensino primário e ingressou no colégio Oswaldo Cruz, na cidade de Recife, passando a frequentar a etapa ginásial (fase que atualmente seriam os últimos anos do ensino fundamental) onde permaneceu até a conclusão dos estudos. Após a conclusão do ensino secundário em 1942, foi convidado a lecionar como professor de língua portuguesa, já que vinha desempenhando a função de “censor” que tomava conta da disciplina nas fases primárias de ensino no colégio.

Seguindo a trajetória nos estudos, entendia ser necessário ter uma formação superior. Em 1943 ingressou no curso de Direito na Faculdade de Direito de Recife (FDR), hoje uma das seções de faculdades da Universidade Federal de Pernambuco (UFP), em que possibilitou bons diálogos humanísticos como educador, pois além de estar cursando Direito continuou a ser professor no colégio em que estudou e outros tantos.

Em 1947, concluiu os estudos na faculdade, formando-se Bacharel em Direito, posteriormente, atuou como advogado por pouco tempo, visto que, por muitas vezes, sentia consternação em ter de julgar pessoas. Deste modo, no mesmo ano, iniciou seu trabalho no SESI e ainda foi convidado a lecionar na escola (faculdade) de Serviço Social.

Junto a essas marcantes trocas de experiências, em 1952 adentrou ainda mais no contexto educacional atuando como professor de história e filosofia da Faculdade de Belas Artes, em que foi nomeado professor interino. Diante disso ocorreu a necessidade de prestar o

concurso público para professor catedrático (titular) da cadeira que ocupava interinamente, porém precisava da escrita de uma tese de doutorado do requerente.

Arriscando-se com toda a ousadia de quem possuía aos 39 anos, com vastos conhecimentos sobre educação e a esperança em uma escrita que fosse autêntica, enquanto inovadora as demandas do disputado concurso, Paulo Freire escreveu um discurso em mais de 100 páginas dando-lhes o título de “Educação e Atualidade Brasileira”. Contudo, no mesmo ano, que fez a defesa, apresentou aos avaliadores do concurso, que diante de tal diversidade de escrita dos concorrentes, as notas não lhe foram favoráveis para aprovação, possivelmente pelo receio de aprovar um educador que não concordava fielmente aos estudos vigentes do país.

Para a época, poderia soar como provocador diante as aspirações educacionais que vinham da França e da Alemanha, o que sequer se poderia considerar o que acontecia no Brasil. Diante disso, Paulo Freire solicitou a exoneração da faculdade antes que essa fosse proferida pela instituição, como era regra a tomar-se com os educadores interinos. Pouco tempo depois foi nomeado como educador da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, na UFPE exercendo a função de assistente de um professor, este a quem Paulo por grande respeito e harmonia de trabalho juntos produziram um projeto de extensão cultural, concedendo a Paulo Freire a nomeação como professor em livre docência na faculdade de Belas Artes.

A partir dessas vivências e o contato cada vez mais próximo com diversas áreas da educação, Freire foi aproximando com notoriedade, a área de alfabetização. Ao passar dos anos, com práticas relevantes e importantes estudos tornou-se membro de vários projetos, relatórios e documentações educacionais do Brasil.

Dos maiores e primeiros projetos, Freire foi um dos fundadores do Movimento da Cultura Popular (MCP) de Recife, movimento este, que teve grande influência na ajuda ao trabalho com a alfabetização consciente de adultos, pois acreditava que assim como para as crianças, aos adultos também perpassa a responsabilidade em ensinar-lhes conforme sua trajetória de vida, fundamentado no que lhe faz sentido.

Paulo Freire dizia que: “a alfabetização é um ato de conhecimento, um ato de criação, e não de memorização mecânica de letras de símbolos” (FREIRE, 1994, p. 163). Oriundo deste movimento, no Recife, antes que fosse tomado pela marginalização e supressão pelo golpe militar de 1964, de toda luta para romper com o severo analfabetismo no país, um ano antes, em 1963, estabelece as bases do extinto Plano Nacional de Alfabetização (PNA), com a realização de uma grandiosa experiência com a alfabetização de várias pessoas na comunidade de Angicos no interior do estado do Rio Grande do Norte (RN).

Através deste projeto elaborado, Freire ficou grandemente conhecido em todo país como um educador de excelência que pensava no povo, que esses pudessem ter consciência e opinião do que acontecia ao seu redor, sem estar alienados aos dizeres de outros. Contemplando-se e com grande alegria em abril de 1963, data que aconteceu a formatura dos alfabetizados, tendo o percurso de ensino iniciado em janeiro daquele ano. Essa conhecida experiência levou a inspiração de outros notáveis projetos. O que não foi possível dar continuidade, devido ao Golpe de Estado Militar em 1964.

À Freire, nessa época, infelizmente, restou uma parte de seu legado histórico que assola a tristeza e indignação, pois aquele que tão pobre foi e apenas lutava pela dignidade de seus semelhantes, nesta situação de ditadura, fora preso e respondeu a intensos inquéritos. Com isso, ao sair da prisão, temendo a própria vida e de sua família, perante a perseguição militar, precisou pedir ajuda, com exílio em outro país.

Durante anos, Paulo Freire precisou abrigar-se em vários lugares do mundo, perdendo o convívio familiar, pois vivia a esconder-se convivendo com a tristeza em perder amigos e militantes que tanto o ajudaram em seus projetos e que não foram poupados da brutalidade da ditadura. Freire só conseguiu retornar ao Brasil no ano de 1980, ainda que sem a total anistia às condenações que lhe foram impostas.

Porém, conseguiu retomar seu exercício de educador na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP) em junho do referido ano. A convite ingressou também como professor na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), São Paulo, atuando nesta universidade até o ano de 1990, que após um longo tempo, assumiu a reitoria. Isso só foi possível com a indignação de vários educadores que o apoiavam sendo procurados para dar pareceres sobre ele, mesmo que sua trajetória como educador, abrilhantou universidades brasileiras e até de fora do país, por incoerência de governo, não lhe era dado o devido reconhecimento.

Mediante a isso, referendando-se a todo tempo de resistência e conturbações que desgastaram sua imagem pessoal e legado de educador, combinados ao cansaço de toda a sua vida, que não fora fácil, ainda nesta época, tinham de lidar com seu trabalho exercendo o cargo de Secretário de Educação da cidade de São Paulo. Porém, em 1991, pediu seu afastamento da Secretaria Municipal de Educação – Cidade de São Paulo (SME – SP), para assim dedicar-se um tempo bom ao retorno em seu desejo de escrever mais livros e também optou por solicitar demissão da UNICAMP, retornando-se a lecionar apenas na PUC.

Nesta ocasião, havia tempo hábil para suas pesquisas e escrita de obras para todo contexto de educação e liberdade. Destes mesmos princípios, dedicou-se a fundação do Instituto

Paulo Freire (IPF) em 1992, organização está que tem currículo de engajamento internacional, em mais de dezoito países, sem o requer a sua sobrevivência unicamente de fins lucrativos, pois vive ao desejo de apenas oferecer assessoria e formação continuada às intuições e grupos de educadores que desejam reinventarem-se em suas práticas, transformando seus contextos em democráticos com autonomia e acolhimento à diversidade.

Isso posto, depois de dedicar inteiramente sua vida e trajetória formativa pela educação, Paulo Freire, infelizmente deixou a vida, no dia 2 de maio de 1997 aos setenta e cinco anos, devido a um infarto. Exemplar educador, fraterno amigo de todos que lhes queriam bem e honroso cidadão brasileiro, mesmo com sua partida não deixou de mostrar a importância do quanto vale a pena estudar e entregar-se ao empenho pela liberdade e qualidade da educação.

De seu vasto acervo bibliográfico, alguns são referendados abaixo, considerados importantes para conhecer e entender a sua essência e a área de educação que mais gosta de pesquisar e escrever.

- 1959 – Educação e atualidade brasileira. [...] (tese de doutorado para concurso público na faculdade de Belas Artes de Pernambuco).
- 1963 – Alfabetização e conscientização.
- 1967 – Educação como prática da liberdade.
- 1970 – Pedagogia do oprimido
- 1977 – Cartas à Guiné-Bissau: Registros de uma experiência em processo.
- 1982 – A importância do ato de ler.
- 1982 – Educação popular.
- 1985 – Por uma pedagogia da pergunta.
- 1986 – Fazer escola conhecendo a vida.
- 1990 – Alfabetização: Leitura de mundo, leitura da palavra.
- 1992 – Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido.
- 1993 – Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar.
- 1994 – Cartas a Cristina.
- 1996 – Medo e Ousadia.
- 1996 – Pedagogia da Autonomia.

Paulo Reglus Neves Freire foi genuinamente formado de amor e esperança, para deixar acalento aos tempos sombrios que assolam o mundo. Talvez, por isso, sua partida tenha ocorrido logo ao amanhecer de uma segunda-feira, no encontro do nascer da luz infinita. Freire foi luz desde o seu nascer e assentiu ao mundo a memória de um legado, para que se continue

a buscar por mudanças e pela humanização na formação dos educadores, para que estes se tornem conscientes, críticos e providos de diálogo e amorosidade com a educação.

3.2 MIGUEL GONZÁLEZ ARROYO: “EU SOU O MEU TEMPO E MINHAS MARCAS”



Fonte: Plataforma Online Educação & Participação.

Nem tão pouco escrever em uma particularidade a respeito de sua trajetória de vida, seu olhar para a educação ou suas relações com a docência, mas ao encontro de enfatizar o conjunto desses processos importantes, compilados de uma vida dedicada a indagar reflexões necessárias para a educação com esperança por formações docentes humanizadas.

Por isso, na coerência e dialogicidade ao encontro com as interrogações de fazer-se educador, Miguel Arroyo apresenta-se como brasileiro mesmo não tendo sua naturalidade registrada neste país. Justamente por acreditar que um rapaz ainda bem jovem precisou deixar seu país de origem para escapar das terríveis consequências que almejavam o bem e a democracia social, entendia-se como contrariedade a um governo autoritário e de concepções próprias.

Nascido no ano de 1935, no povoado (atualmente município) de Sotillo de La Ribera, na província de Burgos, ao norte da Espanha. Miguel Gonzáles Arroyo tem suas origens fortemente ligadas ao campo, por isso se faz importante destacar, a grande afeição e reconhecimento aos estudos educacionais para esta área.

Em seus tempos de infância e juventude sempre morou em uma comunidade de agricultura familiar onde tinha funções específicas no trabalho junto de sua família onde todos relacionavam-se em grupo e ajudavam. Vivia-se um processo compartilhado de troca de

experiências, de aprendizado constante, dos quais uns aprendiam uns com os outros. Por isso, que sobre tais lembranças, Arroyo faz questão de contar em suas entrevistas, quando necessário explicar suas relações mais próximas com algumas áreas, principalmente a que veio a constituir após sua chegada no Brasil.

E a respeito desta vinda, Arroyo (2018), faz um destaque importante: “essa vivência que tive, de minha família ter que sair de um lugar para ir à procura de outro lugar, é uma experiência terrível de desenraizamento. Você ter suas raízes culturais na terra e sair da terra para o asfalto, é muito difícil, muito complicado”.

Além de ser preciso estabelecer-se em um país com nova cultura, sem terras, um lugar para chamar de seu, enfrentou inúmeras dificuldades, pois ao ter de abandonar seu país para fugir de uma ditadura, tudo que se tinha ficou para trás, era preciso junto da família, adaptar-se em um território desconhecido para ir estabelecendo uma nova vida.

Assim, o jovem rapaz com pouco mais de 20 anos, chegou ao Brasil ao final da década de 50, com novas perspectivas e esperança para os tempos difíceis que passava, pois, ainda que não fosse nada agradável, no início, acreditava que seria possível com liberdade estudar, trabalhar e dar prosseguimento aos seus sonhos.

Na Espanha, já não era possível viver, cada vez ficava mais difícil manter condições de liberdade e trabalho e os jovens já eram obrigados a deixar seus trabalhos do campo, abandonando o interior e partindo para a guerra para defender o lado de sistema autoritário e ditatorial. Assim foi com seu pai, que teve de ir à batalha, deixando a família em sofrimento por um longo tempo. E, a partir disso, o filho Miguel, que tinha apenas seis anos na época, já tinha a certeza do que desejava para sua vida adulta.

Assim, detalha o educador ao retomar algumas lembranças da juventude, que anterior à vinda para o Brasil, dispôs de seus estudos médios fora de sua comunidade, pois ali estudava até por volta dos quatorze anos e ao findar esta fase, por vezes, apareciam padres a convidar jovens estudiosos para ir ao Seminário. Assim, Miguel Arroyo, único de seus irmãos que decidiu prosseguir os estudos, foi para a capital Madri. Concluiu seus estudos de nível médio e após a conclusão, decidiu não voltar ao interior e iniciar o curso de Filosofia na Universidade *Complutense* de Madrid (UCM).

Mesmo em uma época de tensões, com graves repressões a todos aqueles jovens que decidiam por resistir e fazer manifestações nas universidades enfrentou o medo pelo exemplo que vinha dos próprios professores da universidade, intelectuais que resistiram à ditadura e todas as perseguições, visto que já eram reconhecidos em muitos países e nem mesmo o ditador teve ousadia em expulsá-los da Espanha.

A partir dessa circunstância, o próprio educador diz que ali suas marcas de resistência se intensificaram, as vivências na universidade e as repressões severas que vinham contra aquele contexto formativo lhe ensinaram que por mais duras que fossem as repressões, era sim, possível viver e lutar por um ideal diferente, e que a educação consegue mudar uma realidade. Assim conta Arroyo, em uma entrevista do ano de 2018, que uma das fases mais importantes para si na universidade foi à maneira que esta resistia internamente; ações que lhe fizeram entender o diálogo filosófico e antropológico, como estudam as indagações vindas da voz dos oprimidos que buscavam por liberdade e autonomia.

Nessa perspectiva, já adianta sua proximidade com os estudos e legado de Paulo Freire, visto que essas experiências vividas na universidade partiam também dos ideais e reflexões de Freire com e para a educação. Ao encontro das palavras que se referem a contextos nada fáceis, Paulo Freire e Miguel Arroyo construíram seus legados em busca de empoderar a educação e minimizar as desigualdades sociais.

[...] sabemos todos que a educação não é a chave das transformações do mundo, mas sabemos também que as mudanças do mundo são um que fazer educativo em si mesmo. Sabemos que a educação não pode tudo, mas pode alguma coisa. Sua força reside exatamente na sua fraqueza. Cabe a nós por sua força a serviço de nossos sonhos. (FREIRE, 1991, p. 126).

Ao buscar conhecimento para compreender melhor como poderia organizar seu desejo de luta e diálogo pela educação, Arroyo deu continuidade aos estudos, agora no Brasil. Por volta dos anos de 1966 – 1967 resolveu concorrer a uma vaga no curso de Sociologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas – Universidade Federal de Minas Gerais (FAFICH /UFMG), em uma época que se fazia resistência frente à ditadura no Brasil e com isso os cursos de licenciatura eram um dos mais fortes e questionadores.

Formado no ano de 1970, no curso mencionando, no ano seguinte, mesmo já atuando como professor em diversas instituições retoma os estudos na mesma universidade, para então desenvolver suas intenções de pesquisa no Mestrado. Arroyo elegeu a área de Ciência Política para campo de análise e desta maneira concluiu sua dissertação em 1974, com a defesa de estudo que apresentava tensionamentos a respeito da política educacional brasileira.

Da mesma maneira, em que ocorreu ao final da graduação e buscou o início quase que imediato no mestrado, após a obtenção deste título, acreditava ser necessário cursar um doutorado. E se mudou para os Estados Unidos, no ano de 1974 para estudar na *Universidade de Stanford*. Para a época, uma das universidades mais conceituadas do mundo no aspecto da Ciência Política, que analisava a América Latina e era encontro de muitos jovens que fugiam da ditadura.

Miguel Arroyo, sociólogo, doutor em Ciência Política, atualmente professor emérito da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), torna-se grande exemplo para a educação brasileira, por toda sua dedicação nos estudos e partilha de conhecimento. Visto que além de professor em diversas universidades do país, atuou na implantação de Projetos Políticos Pedagógicos nas redes de ensino de estados e municípios.

A respeito da sua especial relação com o estudo sobre a formação docente, afirmam-se aspectos que provêm às inúmeras pesquisas e experiências realizadas, em razão de que, propôs seu trabalho com notório respeito e confluência com a teoria Freiriana. Arroyo, sempre fez questão em dizer o quanto às reflexões e princípios que o constituiu ao longo de sua trajetória compreende-se através de Paulo Freire, instigado mediante aos estudos, em desenvolver sempre um olhar atento e de indignação perante tantos processos que tendem a desumanizar a educação.

Miguel Arroyo é um dos grandes exponenciais da educação brasileira na atualidade contra o desmonte da inferiorização da diversidade cultural que padroniza o ensino, desvinculando grande parte dos sujeitos da participação em processos importantes da sociedade.

Por isso, Arroyo argumenta suas propostas de reflexão indagadas pela premissa de que para toda a formação deve-se instituir o objetivo que desafiam os sujeitos a entender suas realidades, constituindo uma opinião crítica sobre o contexto vivenciando, de tal maneira que não seja alienado do todo social e indigne-se com as desumanizações do contexto, integrando-se na luta por transformações.

Para Arroyo, as relações humanas precisam pautar-se pela sensibilidade de entender a importância da abertura ética ao diálogo considerando a importância do coletivo e da democracia. Mediante a essência desse entendimento, Miguel Arroyo constitui a escrita de suas obras bibliográficas. A seguir, apresentam-se algumas destas:⁶

- 1986 – Da escola carente à escola possível.
- 2000 – Ofício de mestre: imagens e auto-imagens.
- 2004 – Imagens quebradas: trajetórias e tempos de alunos e mestres.
- 2009 – A reconfiguração da escola: entre a negação e a afirmação dos direitos. (Org.).
- 2011 – Currículo, território em disputa.
- 2011 – Educador em diálogo com nosso tempo.
- 2012 – Outros Sujeitos, Outras Pedagogias.

⁶ As obras de Miguel Arroyo relacionadas nesta lista encontram-se na descrição de seu currículo lattes na plataforma CNPQ na seção que descreve seus livros publicados e organizados.

- 2015 – Trabalho-Infância: Exercícios Tensos de ser Criança. Haverá Espaço na Agenda Pedagógica? (Org.).
- 2017 – Passageiros da noite - do trabalho para a EJA: itinerários pelo direito a uma vida justa.
- 2019 – Vidas Ameaçadas: Exigências-Respostas Éticas da Educação e da Docência.

Assim, ao exemplo de toda a coragem e ousadia que precisou ter, Arroyo em sua trajetória de vida, pessoal e profissional, afirma o seu desejo e mobilização por reflexões necessárias no campo da educação. Suas obras apresentam a educação de maneira crítica reflexiva. Para o autor, não basta pensar a educação, é preciso efetivá-la fora do medo.

Por isso, ao escrever um dos capítulos do livro “Ofício de mestre – imagens e auto imagens”, detalhou dentro de um subtítulo de curto texto, “Ousadia para duvidar.” (ARROYO, 2008). Frente algumas reflexões a respeito da crise que a educação vivenciava ao final do milênio (séc. XX), Arroyo tentava auxiliar dando força e buscando respostas para as centenas de indagações que adquire sempre em reuniões e visitas a escolas. Diante das pertinentes questões, observamos que

nesta época temos de pensar e decidir o percurso pelo qual queremos que transite a realidade social e a educação dentro de coordenadas inseguras... A crise dos sistemas educativos tem a ver com a perda da consciência sobre seu sentido... Tomar opções não é fácil neste final de milênio em que vemos tombadas tantas referências e seguranças. A educação tem funções a comprimir, entretanto estão ficando desestabilizadas pelas mudanças políticas, sociais e culturais que estão acontecendo... Assistimos uma crise importante nos discursos que têm guiado a expansão da escolarização [...]. As práticas, entretanto, parecem seguir velhas seguranças, como se nada estivesse acontecendo... (SACRISTÁN, 1998, p. 11-12 *apud* ARROYO, 2008, p. 172).

Por essa e outras tantas razões que quando se propõe a refletir e dialogar a respeito da educação dos educadores, é preciso levar em consideração a realidade, o que se objetiva de urgente e nas palavras de Arroyo (2008, p. 174) quando:

ousamos duvidar como coletivo. Espalham-se descrenças e novas crenças na cultura da escola e da cidade. Frequente se espalha certo medo e insegurança e voltam àquelas perguntas carregadas de tonalidades existenciais: afinal quem somos? Onde se foram nossas crenças e nossos valores? O que ficou se estão tirando nosso tapete de tantos anos de magistério?

Para cada tempo, novos ou velhos debates sempre voltam à discussão, provocados pelo diálogo nos contextos e sobre eles. Entretanto é preciso ousadia para garantir a permanência firme de um movimento em que o embate maior, seja a responsabilidade com o processo formativo.

4 PARA UMA EDUCAÇÃO HUMANIZADORA: REFLEXÕES COM PAULO FREIRE E MIGUEL ARROYO

Um estudo é particularmente reflexivo, enquanto se constitui acolhedor, ao permitir que a educação seja um encontro humano e plural. Assim se constitui os caminhos de diálogo na educação humanizadora de Paulo Reglus Neves Freire e Miguel Gonzáles Arroyo, como inspiração, na firmeza com ousadia e com a sensibilidade afetuosa que se ancora na luta pela educação, ao transgredir no amor e na esperança uma possível educação humanizadora.

Por isso, enuncia Paulo Freire destaca que “esperançar é se levantar, esperançar é ir atrás, esperançar é construir, esperançar é não desistir! Esperançar é levar adiante, esperançar é juntar-se com outros para fazer de outro modo [...]” (FREIRE, 1992).

Igualmente, Miguel Arroyo destaca, em uma esplêndida fala sob estes obscuros tempos de incertezas:

são tempos para resistir [...] resistentes, resistindo para firmar as verdades em que acreditamos, os valores que internalizamos, para estar presente e dizer que a educação, [...] continuará alerta, continuará sempre [...] se interrogando e sempre interrogando a sociedade. (ARROYO, 2020. Entrevista verbal).

Contudo, isso não significa que coloquem somente a educação e o educador como redentores de transformações revolucionárias, pois, para tal ação seria necessário, “quebrar” muitas trajetórias, culturas e histórias constituídas nos sujeitos, e, para tanto, em nenhum momento, a educação sobressai acima do sujeito.

Tampouco o educador irá com novas metodologias ou benevolência pelos contextos, revigorar a esperança sem antes conhecer os desamores do antidiálogo, que desamparam novos horizontes. Menciona Freire (1981):

a esperança se faz presente como condição para o diálogo, junto com o amor, a humildade, a fé nos homens e nas mulheres. A confiança se instaura no diálogo que, por sua vez, é movido pela esperança. O diálogo em busca do ser mais não pode ocorrer na desesperança. “Não é, porém, a esperança um cruzar de braços e esperar. Movo-me na esperança enquanto luto e se luto com esperança, espero” (FREIRE, 1981, p. 97).

Dessa maneira, as problematizações suscitadas a partir de uma postura crítica são apresentadas como contribuições dos diálogos de dois exímios educadores, que frente às realidades históricas, políticas e educacionais resistiram e resistem, denunciaram e denunciaram junto aos sujeitos da educação.

Discursos esses que precisam existir na formação de educadores, bem como as responsabilidades que estes assumem ao partilharem de uma formação que considere o sujeito

observador, reflexivo, problematizador e acolhedor de sua própria história docente, seja ela inicial ou continuada.

Paulo Freire fez e deixou um imenso legado frente a tantas desesperanças sempre com uma comunicação esperançosa, para a significação da luta que não pode esperar, daquela que fortalece sua memória, na presença de educação que acolhe o diálogo, a autonomia e a ousadia de esperar princípios de uma educação humanizadora.

Miguel Arroyo, educador de uma reflexão crítica legítima como pesquisador e educador de práticas problematizadoras da e na formação de professores, também reivindica uma educação humanizadora. Aguçar-se na ousadia pelo desejo e pela curiosidade na educação é o que provoca o autor, afinal, o bom educador existe? Há de nos tornarmos heróis? Dos filmes ou da própria história?

Para tencionar essas reflexões iniciais, menciona-se esta mesma pergunta que o professor Miguel Arroyo (2008, p. 98) fez em um dos capítulos em sua obra a respeito do ofício do mestre: “Afinal, quem sou eu, um Super-Herói?”. Neste questionamento, estão unificados os paradigmas na diversidade, dos reencontros com pedagogias da escuta, mas também com aquilo que reverbera nas críticas silenciadas pelo tempo.

Uma lógica que segue um único modelo, aquele ditado internacionalmente por uma lógica que entende educação como mercadoria, desconsiderando o contexto social e cultural de um Brasil diverso. De acordo com Libâneo (1999),

[...] “modelos únicos” não [...] respondem à diversidade e à desigualdade de nosso país, como representam autoritarismos que ferem a capacidade e a competência dos educadores brasileiros de apresentarem propostas efetivamente comprometidas com a qualidade social da educação. Assim, [...] que confirmam à pedagogia [...] o estatuto de importância científica, social e cultural, num país em que é comum serem jogadas fora conquistas duramente conseguidas na construção da democracia escolar e educacional. (LIBÂNEO, 1999, p. 270).

Portanto, estes anseios e expectativas que se postulam frente a experiência humana que antes de tudo é expressão de uma educação, que atravessa processos enfraquecidos de qualidade humana, já que atualmente a sociedade vivencia um modelo neoliberal de educação, e que Arroyo já criticava.

[...] diretrizes e normas, os ordenamentos e as lógicas curriculares [que] continuam fiéis a sua tradicional rigidez, normatização, segmentação, [...]. As recentes políticas de avaliação centradas se dão por desempenho, por etapas, para quantificar progressos, seqüências de ensino-aprendizagem, [...]. (ARROYO, 2014, p. 35).

Nesse sentido, é urgente reconhecer as durezas do tempo e buscar a autoria de um currículo despolitizado em um movimento que requer resistência, munido da afetividade, crença e valorização. Como nos ensina as importantes contribuições Arroyo (2011, p. 49), ao

dizer que “estamos em um jogo político, econômico em que o conhecimento, a ciência e a tecnologia hegemônicos foram apropriados e colocados a serviço da acumulação e da manutenção das relações [...]”.

Não se trata de uma educação com ideias revolucionárias, mas da humanização no sentido emancipatório, puramente pelo outro, pela sociedade, pela igualdade e equidade.

Minha esperança é necessária, mas não é suficiente. Ela, só, não ganha a luta, mas sem ela a luta fraqueja e titubeia. Precisamos da esperança crítica, como o peixe necessita da água despoluída. Pensar que a esperança sozinha transforma o mundo e atuar movido por tal ingenuidade é um modo excelente de tombar na desesperança, no pessimismo, no fatalismo. [...]. O essencial, como digo mais adiante no corpo desta *Pedagogia da Esperança*, é que ela, enquanto necessidade ontológica, precisa ancorar-se na prática. [...]. É por isso que não há esperança na pura espera, nem tampouco se alcança o que se espera na espera pura, que vira, assim, espera vã. (FREIRE, 1992, p. 5).

E justamente, é este chamado que os cursos de licenciatura precisam trazer essas discussões, para o campo da formação cada vez mais, pelo diálogo reflexivo proporcionado e o respeito sob diversos aspectos que a ousadia das ações consegue superar; tempos obscuros de um terrível desamparo da educação.

Por essa razão, que a educação humanizadora, dentro de sua multiplicidade é uma práxis, palavra esta que segundo Vázquez (1977 *apud* Pedagogia Facespi, 2014), “é uma ação transformadora do homem sobre o mundo. O que significa não apenas atividade prática, mas atividade prática sustentada na reflexão, na teoria”.

Entende-se, assim, o diálogo a superar a identidade de autoritarismo e dogmatismo, que se empunha com reivindicação às pressões tradicionais, buscando uma unanimidade na vontade geral de fazer-se valer as novas reflexões que surgem por liberdade. Conceitua-se para então, como práxis emancipatória; de modo, a, lutar por uma liberdade e consciência crítica.

Nesse ponto, dizia Freire que preferia ser criticado por ser idealista na educação e por humanidade, do que constituir uma inverdade que desumaniza e provoca tantas injustiças ao oprimir a própria ética.

À vista disso, as contribuições de Freire (1997) assim sustentada em respeitar os saberes, condiz ser:

a maneira correta que tem o educador de, com o educando e não sobre ele, tentar a superação de uma maneira mais ingênua por outra mais crítica de entender o mundo. Respeitar a leitura de mundo do educando significa tomá-la como ponto de partida para a compreensão do papel da curiosidade, de modo geral, e da humana, de modo especial, como um dos impulsos fundantes da produção do conhecimento. É preciso que, ao respeitar a leitura do mundo do educando para ir mais além dela, o educador deixe claro que a curiosidade fundamental à inteligibilidade do mundo é histórica e se dá na história, se aperfeiçoa, muda qualitativamente, se faz metodicamente rigorosa. E a curiosidade assim metodicamente rigorizada faz achados cada vez mais exatos. No fundo, o educador que respeita a leitura de mundo do educando, reconhece a historicidade do saber, o caráter histórico da curiosidade, desta forma, recusando a

arrogância cientificista, assume a humildade crítica, própria da posição verdadeiramente científica. (FREIRE, 1997, p. 77).

Assim, se tem conquistas tão importantes ainda a se atingir em uma instância que nos leva a reflexão, as contribuições de Freire são fundamentais, pois não se pode adentrar em uma pedagogia da desesperança e nem em uma vã espera, há que dialogar criticamente sobre aquilo que se vive, se intenciona e impulsiona em cada contexto. Há que olhar para a “Pedagogia da esperança” com respeito por tudo o que ela propiciou e ainda pode no chão da escola e da formação dos educadores.

A partir disso, Freire, apresenta, através da referência a sentimentos, virtudes para a educação, escritas em diversas obras durante sua vida e postumamente em reafirmação de seus estudos, que estas precisam estabelecer-se na docência não pelo sujeito especialista de um exercício profissional, mas pelo educador.

Tais virtudes, mediante a terem sido escritas, a palavra e seu significado dentro de diversas obras de Paulo Freire, não apenas uma, como já foi mencionado, torna-se inviável analisar e acolher a imensurável quantidade de publicações do educador, em busca destas doze virtudes de respeitabilidade para com a educação.

Diante disso, optaram-se por acolher nesta escrita, estes paradigmas da dialogia como meta ao reencontro; organizados por outro educador, em uma obra praticamente biográfica de Freire, ao apresentar os caminhos de uma educação humanizadora. Isto posto, estes são os princípios.

QUADRO 3: Virtudes para uma educação humanizadora⁷

AMOROSIDADE – A relação pedagógica, quando assinalada/marcada pela amorosidade, propicia a concretização de um processo educacional humanizador [...]. No contexto educacional, portanto, o amor é fundamental para que os sujeitos participantes possam aprender, pois envolve respeito, compreensão, inter-relações, retribuições: “Não há educação sem amor. [...] Não há educação imposta, como não há amor imposto. Quem não ama não compreende o próximo. Não respeita”. (FREIRE, 1979, p. 29).

COERÊNCIA – “[...] ser coerente é um sinal de inteireza de nosso ser. Afinal a coerência não é um favor que fazemos aos outros, mas uma forma ética de nos comportar” (FREIRE,

⁷ Transcrição de trechos escritos pelo educador Idanir Ecco, no capítulo “Virtudes para uma docência humanizadora”.

2000, p.45). [...] A coerência no fazer docente garante, ao educador, que não dicotomiza teoria e prática.

CONFIANÇA – A confiança é **construída** por atitudes de respeito como acolhimento, nos limites das relações humanas possíveis, entremeadas de afeto e de disponibilidade para o diálogo”. Na perspectiva educacional, a confiança é uma virtude fundamental para selar relações duradouras de valorização e de promoção do outro enquanto sujeito em formação, [...].

CURIOSIDADE – O desenvolvimento da curiosidade constitui-se na via possível para a construção de um fazer docente crítico-reflexivo [...] “Ensinar exige curiosidade. [...] Como professor devo saber que sem a curiosidade que me move, que me inquieta, que me insere na busca, não *aprendo nem ensino*” (FREIRE, 1996, p. 94 e 95, grifos do autor).

DECÊNCIA – O educador que prima pela decência, enquanto virtude é respeitoso, ético, autêntico, digno e assume com seriedade sua formação permanente, superando o puro verbalismo ou o mero ativismo, componentes importantes/limitadores dos que fazeres da docência.

DIALOGICIDADE – A disponibilidade docente para o diálogo é condição primordial para se instaurar relações pedagógicas humanizadoras. “O diálogo é uma exigência existencial. E, se ele é o encontro em que se solidariza o refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado, não pode reduzir-se a um ato de depositar ideias de um sujeito no outro, nem tampouco, tornar-se simples troca de ideias [...]”. (FREIRE, 1981, p. 93).

ESCUTAR – O escutar exige sutileza e respeito à fala do outro, pois: “Se não sei escutar os educandos e não me exponho à palavra deles, término discursando ‘para’ [e não com]” (FREIRE, 1985, p. 15).

ESPERANÇA – [...] uma esperança ativa, que procura, constrói, busca. A matriz da esperança é a mesma da educação do ser humano: o inacabamento do seu ser de que se tornou consciente. Seria uma agressiva contradição se, inacabado e consciente do inacabamento, o ser humano não se inserisse num permanente processo de esperançosa busca. Este processo é a educação. (FREIRE, 2000, p. 114).

HUMILDADE – [...] humildade [...] de modo algum, significa falta de acato a nós mesmos, acomodação, covardia. Pelo contrário, a humildade exige coragem, confiança em nós

mesmos, respeito a nós mesmos e aos outros. A humildade nos ajuda a reconhecer esta coisa óbvia: ninguém ignora tudo. Todos sabemos algo; todos ignoramos algo. (FREIRE, 2000, p. 55). A humildade, portanto, corresponde à atitude e ao comportamento legítimo, autêntico e coerente de respeito, de apreço, de promoção do outro.

RESPEITO – No contexto educacional, essa qualidade implica no reconhecimento de que existe uma multiplicidade de saberes – diferentes – que são importantes e fundamentais nos seus contextos específicos.

SIMPLICIDADE – [...] fundamental ao docente, é a simplicidade. A arrogância é o seu oposto. Inegavelmente o docente arrogante não se constitui em educador, considerando que em essência educar consiste no reconhecimento e promoção do outro (Ser-Mais).

TOLERÂNCIA – “A tolerância, assumida como respeito às diferenças, constitui-se num que-fazer que possibilita aflorar a diversidade. É a qualidade que prima pela convivência humana, pela convivência com o diferente, porém sem inferiorizá-lo. (FREIRE, 2013)”. Tolerar não concordar com o outro que pensa ou age diferente, porém respeitá-lo e aprender com ele, [...].

Fonte: Elaborado pela autora (ECCO, 2014, p. 75 -97).

A presença destes conceitos, propõe a abertura de um enorme leque de debate e auto reflexão, abrindo campo de diálogo às relações de escuta e atenção aos processos que são vertentes únicas no desejo de partilhar e de democratizar saberes. Nesse sentido, a consciência daquilo que cabe ao educador, por meio das tão mencionadas virtudes, que Freire elencou sentimentos dos e responsabilidades que um educador a partir de uma prática contextualizada, tem o dever em assumir como uma postura crítica e acolhedora.

Portanto, todos nós

devemos forjar em nós próprios, a dignidade e a importância da nossa tarefa. [...]. Obviamente, reconhecer a importância de nossa tarefa não significa pensar que ela é mais importante entre todas. Significa reconhecer que ela é fundamentalmente. Algo mais: indispensável à vida social (FREIRE, 2000, p. 48).

Considerando, assim, como um compromisso com nós mesmos, ainda que muitas vezes não os valorize, tem nestes sentimentos destacados o reconhecimento à digna possibilidade de mudança, através da educação, do educador e de sua docência.

A formação do professor é um dos pilares do processo educacional, principalmente na descoberta dos estudantes como gente e não apenas como alunos tratados como contas bancárias em que os professores depositam seus conteúdos, “está em jogo o pensar, sentir e ser gente” (ARROYO, 2011, p. 70).

Sob o olhar de uma formação que continua, ao tempo, a sensibilidade dos tensos momentos que nos tira da zona de conforto e coloca de frente a encarar problematizações e a partir dela vislumbrar novos horizontes.

As resistências são mais pedagógicas na medida em que lutam por libertar a terra, o trabalho, o viver e por emancipar-se desses padrões históricos de exploração e de poder-dominância-subalternização [...]. Tensos processos pedagógicos que exigem reconhecimento no pensamento educacional. (Arroyo, 2012, p. 92).

Defende-se um processo democrático de desenvolvimento educacional, que está disposto perante o máximo respeito ao uso da dialogia como senso de responsabilidade. Tal abordagem se constitui na concepção de humanos sobre as interpretações, o que busca ser o coletivo que se objetiva tornar plural.

A partir dessas dimensões, mais do que ponto de convergências entre as contribuições dos educadores, o debate reflexivo pelos sujeitos que o acolhem, precisa estar em sintonia, não em uma severa reflexão que lhes impõe sanções, mas contra as injustiças do sistema.

Assim, conforme destaca Arroyo, ao enfatizar em seus diálogos e obras, que a educação, a aprendizagem não pode ser carregada de depositar conteúdos pedagógicos, precisa ser afetiva, sensível e de múltiplas linguagens.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os paradigmas que nos cercam, as imagens estreitas, as interrogações que surgem, fazem-nos buscar o contorno de princípios que como espaço de conhecimento e responsabilidade constitui-se amparo nas entrelinhas de uma grande superação. Um equívoco paradoxal em conceber-se a educação como um bem mercantil, teoricamente direito de todos, mas dever assumido por poucos.

Neste percurso, conforme todo o diálogo que estabeleceu da redação deste trabalho, unilateralmente não seria possível, mencionar uma letra sequer destas palavras, sem acolher a consciência humana, de entender e ser parte de uma realidade. Em que, tudo isso, só foi possível, porque se olhou para as contribuições dos educadores Paulo Freire e Miguel Arroyo, buscando adentrar nas interfaces do caminho que institui o processo de responsabilidade, de humanização para quem forma e é formado.

Por isso, que os estudos apresentados, revelam a importância do olhar sensível e da indissociável relação que todos os estudos a respeito da formação de professores, precisam caminhar pela dialogicidade do processo. Talvez, desafiante, mas também potencializador de novas perspectivas e outras possibilidades para ir à busca de descobrir e promover um protagonismo da educação, ao contrário de tudo que a inferioriza e desacredita.

Por tudo isso, que este trabalho, assume-se o caráter de promover a diálogo com o leitor, apresentando reflexões sobre a educação humanizadora, a partir das contribuições dos autores, em uma relação de criticidade ao contexto formativo. Constitui-se de uma oportunidade em apresentar um estudo que carrega em sua essência o objetivo de uma trajetória para a educação que priorize a humanização do processo.

Na direção destes argumentos apresentados, reverbera-se a importância de uma educação humanizadora na formação do educador e não somente no olhar voltado para as metodologias da docência.

Nessa abordagem, esperar por novos horizontes para a educação e a formação dos educadores sob os princípios da educação humanizadora foi o que buscou com essa pesquisa ao fundamentar bibliograficamente as concepções e as possibilidades de diálogos a partir das contribuições dos educadores Paulo Freire e Miguel Arroyo. Educadores que refletem sobre a formação docente como prática libertadora, emancipatória de práticas reflexivas e problematizadoras da realidade.

Por esta razão, o percurso metodológico, foi desenvolvendo-se em fases conjuntas, sempre ao passo que as leituras iam sendo contempladas umas nas outras, as análises reflexivas

já tencionavam o texto dialogado. Para tanto, ao encontro com as palavras dos autores referências, procurou-se estabelecer as contribuições acerca de uma educação humanizadora mediante exemplo e conhecimento dos estudos destes dois exímios autores, que amplamente lutam por esta educação.

Dedicar à escrita deste Trabalho de Conclusão de Curso foi muito desafiante, em específico, por dois aspectos. Primeiramente, pela coragem e descoberta de ser autora do trabalho, mesmo assumindo as condições de uma deficiência nos membros inferiores e superiores, que retém parte da agilidade em movimentar-se impedindo-me de fazer exercícios físicos para não prejudicar a musculatura, pois já ocasiona dor, diante algumas situações de bastante esforço.

Todavia, uma pergunta que talvez esteja presente, por que apresentar esta condição nas considerações finais? Esta limitação pela deficiência, explanada aqui, até as últimas linhas e organizações do presente estudo, prejudicou parte do andamento da pesquisa, devido à necessidade de escrever com apenas um ou dois dedos das mãos, em diversos momentos, pois outros ficam rígidos e ao esforço de escrever, sinto cansaço e dor nas articulações.

Por essa razão, muitas vezes, interrompia-se a escrita e devido ao tempo contado para a finalização, pode não ter chegado ao resultado pretendido, principalmente por estas circunstâncias. O segundo aspecto mencionado, refere-se ao contexto do estudo. A respeito do imenso desafio que é escrever uma pesquisa bibliográfica, de análise e interpretação que exige inúmeras leituras e dedicação para se aproximar ao máximo daquilo que os autores propunham em suas autorias.

Nesse sentido, o processo foi cansativo e angustiante em muitos momentos, tanto para quem escreve como para quem orienta, pois, vale lembrar os esforços de minha orientadora professora Sylvania Regina, que se dedicou, em sua educação humanizadora, com total excelência para contribuir com a finalização deste estudo. Trago isso porque entendo ser importante colocar outras interfaces ao escolher apresentar uma pesquisa que trata da conscientização necessária para com o processo formativo do educador.

Destaco também o contexto vivido em tempos de pandemia, em que o processo iniciou todo remotamente. Dias de ansiedade, medos e incertezas em sentidos da vida não foram esquecidos e ao finalizar esta pesquisa, não há como deixar de olhar para o processo.

Dito isso, com objetivo de explicar a relevância de uma educação humanizadora, é preciso proporcionar uma escuta sensível e acolhedora ao ser humano, não só a pessoa do educando em formação, mas aos próprios educadores. Paulo Freire e Miguel Arroyo, em suas obras nos provocam e convidam a olhar para todas essas dimensões, assumindo as posturas

políticas e pedagógicas que emancipam o educador e o educando para uma educação que se quer mais humanizadora.

As contribuições apresentadas nas palavras dos autores e seus potentes diálogos sobre a temática evidenciaram a imensa importância para a formação acadêmica, proporcionando relevantes reflexões sobre a experiência de uma educação humanizadora no ensino superior e o início de uma formação que reverbera no cotidiano da escola e da formação integral de tantos outros educandos.

Parte dessa análise reflexiva, ainda pouco exercida no âmbito da formação de professores, demonstra que esse estudo não se encerra aqui. É necessário e urgente consolidar o diálogo e acolhimento dessas temáticas nos currículos dos cursos de licenciaturas.

Em suma, os ideais educativos propostos na pedagogia de Freire foram humanamente acolhedores e libertários, não só durante o estudo para a realização desta pesquisa, mas durante toda a trajetória da formação acadêmica, como parte essencial da (auto) formação. Por isso, frente aos desencontros de experiências empobrecidas de educação, encontra-se a ousadia, nas palavras de Freire para seguir e a esperança, como acalento nos momentos difíceis, na existência de uma pedagogia dos sonhos possíveis.

A formação nunca termina, será sempre continuada, pela força da autonomia ensinada pela persistência de Freire e a luta de Arroyo, educadores que acreditam, mas também fazem acontecer. É urgente promover relações democráticas, reflexivas que promovam uma educação humanizadora.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Cristóvão Domingos de; LOPES, Luiz Carlos Teixeira. Paulo Freire: Apontamentos sobre educação libertadora, condições éticas e migrações. DICKMANN, Ivo; DICKMANN, Ivanio (Org.). 100 anos com Paulo Freire, tomo 1. 1.ed. – Chapecó: Livrologia, 2021.
- ALGUSTO, Rosely Carlos; ARROYO, Miguel Gonzáles; MARTINS, Maria de Fátima Almeida. Dossiê - Trabalho e Educação: Diversidades e Lutas Sociais no Campo. Trabalho & Educação. Belo Horizonte. v.21, n.3, p.81-93, set./dez.2012.
- ANDRADE, Daiane Bornelli de. **Nos Braços da resistência**: o espaço da educação popular nos cursos de licenciatura da Universidade Federal da Fronteira Sul Campus Erechim / RS. 2020. 218 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal da Fronteira Sul, Erechim / RS, 2020.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **ABNT NBR 10520**: informação e documentação: citações em documentos: apresentação. Rio de Janeiro: ABNT, 2002.
- ARROYO, Miguel. A humana docência. In:____. **Ofício de Mestre**: Imagens e auto-imagens. 10. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. p. 52.
- _____. Currículo, Território em Disputa. Petrópolis, RJ, 2. ed: Vozes, 2011. p. 376.
- _____. Imagens quebradas: trajetórias e tempos de alunos e mestre. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.
- BAZARRA, L. **Ser professor e dirigir professores em tempo de mudança**. 2 ed. São Paulo: Paulinas, 2008.
- BRASIL. Decreto Federal nº 132, de 13 de abril de 2012. Regulamenta a Lei nº 12.612, de 13 de abril de 2012. Brasília – DF: DOU – Diário oficial da União. Publicado no D.O.U. de 16 de abril de 2012.
- CREMONEZI, André Roberto. Apresentação. In: Henz, Celso Ilgo; Rossato Ricardo (Orgs.). **Educação humanizadora na sociedade globalizada**. Santa Maria: Biblos, 2007. p. 7-8.
- DUARTE, Rosália. **Pesquisa qualitativa**: reflexões sobre o trabalho de campo. Departamento de Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, RJ: Cadernos de Pesquisa, 2002. Disponível em: <QUALITATIVA - ESTUDO DE CASO.pdf>. Acesso em: 19 mar. 2022.
- ECCO, Idanir. Considerações Finais. In:____. Virtudes Docentes para uma educação humanizadora: Revisitando Paulo Freire. Erechim: EdiFapes, 2014. p. 102.
- FREIRE, Ana Maria de Araújo. **Paulo Freire**: Uma história de Vida. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2017.
- FREIRE, Paulo. **A Educação na Cidade**. São Paulo: Cortez, 1991.
- _____. **Cartas a Cristina**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. In: _____. A concepção bancária da educação como instrumento da opressão. Seus pressupostos, sua crítica. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. **Pedagogia da Esperança**: Um reencontro com a Pedagogia do Oprimido. Notas: Ana Maria Araújo Freire. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992. p. 5.

_____. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GADOTTI, Moacir. **A voz do Biógrafo Brasileiro**: A prática a aaltura do sonho. In: _____. GADOTTI, Moacir (Org.). Paulo Freire. Uma Biobibliografia. São Paulo: Cortez/Instituto Paulo Freire, 1996.

GONZÁLEZ, Fredy Enrique. Reflexões sobre alguns conceitos da pesquisa qualitativa. Revista Pesquisa Qualitativa. São Paulo (SP), v.8, n.17, p. 155-183, ago. 2020.

HENZ, C. I. Na escola também se aprende a ser gente. In: HENZ, C. I; ROSSATO, R. (orgs). **Educação Humanizadora na Sociedade Globalizada**. Santa Maria: Biblos, 2007.

LIBÂNEO, José Carlos; PIMENTA, Selma Garrido. Formação de profissionais da educação: Visão crítica e perspectiva de mudança. Revista **Educação&Sociedade**. São Paulo, ano XX, nº 68, dezembro, 1999.

LIMA, Telma Cristina Sasso de; MIOTO, Regina Célia Tamasso. Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. Revista Katál. Florianópolis, v. 10, n. esp. p. 37-45, 2007.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. Metodologia do trabalho científico procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1992. 212 p.

Miguel Arroyo estuda processo de interação entre educação e realidade social brasileira. [S.I.]: Assembleia de Minas Gerais, 2018. 1 vídeo (59min e 31 seg). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CGpMKRW0Z6g>. Acesso em: 29 dez. 2021.

PRODANOV, Cleber; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do Trabalho científico**: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico. 2. Ed. Novo Hamburgo, RS: Feevale, 2013. Disponível em: <E-book Metodologia do Trabalho Científico.pdf>. Acesso em: 16, set. 2021.

RODRIGUES, Maria Inez. **A educação como processo de Humanização**. Disponível em: <<http://www.zenieduca.blogspot.com/2013/06/a-educacao-como-processo-de-humanizacao.html>>. Acesso em: 26 mar. 2022.

SCHEFFER, Denise da Costa Dias; SILVEIRA, Dieison Prestes da. A educação humanizadora como caminho formativo na atualidade. Revista Ilustração. Cruz Alta. v. 2, n. 1. p. 7-13 jan./abr. 2021.

SEVERINO, Antônio Joaquim; (1941). Metodologia do trabalho científico. 23. ed., Revista e Atual, São Paulo: Cortez, 2007.

STAKE, Robert E. **Pesquisa Qualitativa**: estudando como as coisas funcionam. Penso Editora. Tradução: Karla Reis. Disponível em:

https://www.google.com.br/books/edition/Pesquisa_Qualitativa/OjA9DQAAQBAJ?hl=pt-BR&gbpv=1. Acesso em: 19 mar. 2022. Título original: Qualitative Research: Studying How Things Work.

STRIEDER, R. **Educação humanizadora**: por uma vivencia criativa. Florianópolis: Habitus, 2002, p. 57).

ZITKOSKI, Jaime José. O diálogo em Freire: caminho para uma educação humanizadora. In: HENZ, Celso Ilgo; ROSSATO, Ricardo (orgs). **Educação Humanizadora na sociedade globalizada**. Santa Maria: Biblos, 2007. p.169 - 178.